Digitized by Google

NORTHWESTERN
UNIVERSITY
LIBRARY

EVANSTON
ILLINOIS

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

O MARQUEZ

DE

TORRES-NOVAS.

DRAMA

EM CINCO ACTOS E UM EPILOGO

POR

Camillo Castello-Branco.

PORTO

TYPOGRAPHIA DO NACIONAL

Rua da Fabrica do Tabaco N.° 41.

1849.

Digitized by Google

Digitized by Google

O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS.

Digitized by Google

Digitized by Google

O MARQUEZ

DE

TORRES-NOVAS.

DRAMA

EM CINCO ACTOS E UM EPILOGO

POR

Camillo Castello-Branco.

PORTO

TYPOGRAPHIA DO NACIONAL
Rua da Fabrica do Tabaco N.° 41.

1849.

Digitized by Google

869.3
C348

Digitized by Google

Á Exc.ma Snr.a

D. Maria Felicidade de Couto Browne.

OFFERECE

O Author.

Digitized by Google

Digitized by Google

PERSONAGENS.

D. GUIOMAR COUTINHO.

D. MARIA DE NORONHA.

INFANTE D. FERNANDO.

MARQUEZ DE TORRES-NOVAS.

D. FERNANDO DE CASTRO.

D. GUTERRES DE PAIVA.

PERO D'AFFONSECA.

ISMAEL — (JUDEU.)

PEDRO — PAGEM.

MESTRE GIL — TAVERNEIRO.

CARCEREIRO.

Inqueridores do Ecclesiastico, Damas, Pagens, Cavalleiros, Frades franciscanos, encapotados, e camponezes.

1528—33.

853978

Digitized by Google

Digitized by Google

ACTO I.

A scena passa-se no Jardim do palacio de D. Guiomar Coutinho, filha do Conde de Marialva. Vê-se ao fundo uma parte do edificio. Ha, á direita do espectador, entrada supposta para o Jardim. A maior parte do fundo é floresta.

É NOITE, TEMPESTUOSA DE TROVÕES.

SCENA I.

O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS — de saio e manto pretos, chapeo aragonez, e punhal no cinto largo invernizado; está sentado em um escabello do ornato do jardim, e medita, com a cara escondida entre as mãos. AFFONSECA, mordomo da casa de Marialva, junto a elle, meio curvado em ar supplicante.

Digitized by Google

AFFONSECA.

É mais de uma hora, senhor Marquez. A noite está muito fria, crescem os trovões; e não tardará que chova. Peço-vos que vos vades, por que este frio vos fará mal.

MARQUEZ (*serenamente.*)

Que me vá!!... Affonseca! tu és meu amigo, não é assim?... tu és muito meu amigo?

AFFONSECA.

Não o duvideis, senhor, que me affrontaes.

MARQUEZ (*erguendo-se.*)

Tu abriste-me estas portas, trouxeste-me a este jardim, para me fallar d'um alto mysterio... nada me disseste, e tanto me atormentaste com palavras torcidas e incomprehensiveis... queres que me eu vá a soffrer estas torturas de uma suspeita cruel!?...

AFFONSECA.

Quando vos pedi, que aqui viesseis, não sabia eu que a vossa saude perigava tanto... Receio muito magoar-vos... N'outra occasião vos direi cousas tristes... tristes, como não ha outras que mais se digam a homem que amou com todas as forças do coração.

MARQUEZ (*sobresaltado.*)

É uma perfidia... não é assim... homem? é uma traição que me queres contar?... Ah! diz-me que não é! (*Affonseca immovel, parece não dar pelo arrebatamento do Marquez*) Já sei... (*meia voz*) elle não respondeu... Coragem, minha alma! devo fin-

Digitized by Google

gir-me para saber tudo. *(serenidade fingida)* Affonseca! sabes que o desterro de quatro annos me fez a alma de ferro? Não temas fallar-me da minha ultima desgraça, por que os meus olhos não tem lagrimas... chorei-as todas nos areaes da Africa... Falla, homem — não temas, por que o velho tronco dos bosques, curva-se ao impeto do furacão, mas não se quebra... Affonseca... tenho febre, a chuva ameaça-nos, falla depressa... não queiras que me eu molhe...

AFFONSECA.

Estaes tão palido, senhor...!!

MARQUEZ.

Que importa? — effeito de noites mal dormidas... A fome estraga muito, bom velho...

AFFONSECA.

A fome! meu Deus!

MARQUEZ.

Agora bem vez que estou sereno para escutarte.

Duas horas.

AFFONSECA.

São duas horas, senhor... Se manhã antes quizesseis... é já tão tarde...

MARQUEZ (*senta-se.*)

Como queiras. Esperarei aqui por ti até manhã. Se o Conde de Marialva me achar no jardim de sua filha, o seu mordomo lhe responderá por mim.

*

Digitized by Google

AFFONSFCA.

Perdoai-me... Oxalá, que aquella que vos desama, estivesse repesa da sua deslealdade, como de aqui chamar-vos, para contarvol-a, estou arrependido...

MARQUEZ (*erguendo-se como extatico.*)

Estou trahido, meu Deus!

AFFONSECA (*tomando-o nos braços.*)

Que tendes, senhor!...

MARQUEZ (*affastando-o de si.*)

Basta. Já sei tudo... Amigo, obrigado... adeus... (*Quer sahir e Affonseca impede-o.*)

AFFONSECA.

Snr. D. João!...

MARQUEZ (*emendando-se.*)

Sou um louco... queria-me hir... Conta-me as circumstancias dessa perfidia... (*ironico*) — devem de ser interessantes.

AFFONSECA (*timido.*)

Ha 6 annos, que D. Guiomar Coutinho vos amava com os extremos de...

MARQUEZ.

Adiante.

Digitized by Google

AFFONSECA.

O povo de Lisboa já por ahi dizia que ella era vossa esposa por um casamento clandestino, e que...

MARQUEZ.

Adiante.

AFFONSECA.

Outros diziam que dama era ella de dous cavalleiros, qual delles mais valente, qual delles mais brioso... Um ereis vós, senhor, o outro... *(hesitando)*.

MARQUEZ.

Era o Infante D. Fernando... continúa.

AFFONSECA.

Certo estareis, D. João, quando, na cavalgada do Conde da Vidigueira, esporeaste o vosso alasão para o lado nobre da hecanea, em que montava D. Guiomar, profundamente entretida com os galanteios do Infante... e que este, offendido, diante da côrte, e de D. Guiomar, por quem tão ruins inimisades se geraram... protestou vingar-se... *(Repara no marquez, que parece não ouvil-o, distrahido. Toca-lhe no hombro)* senhor Marquez!

MARQUEZ *(recordando-se.)*

Ah! sim... Era o Infante D. Fernando —

AFFONSECA.

Já disse depois mais alguma cousa.

Digitized by Google

MARQUEZ.

Talvez que D. Guiomar Coutinho...

AFFONSECA.

Mais grata aos disvelos do Infante que aos vossos, accordou com elle uma vingança, que a ambos salvasse da vossa colera. Temiam-vos, senhor. Fostes desterrado, senhor D. João... e na primeira noite do vosso desterro a prejura... já bem vingada... *(repara no marquez que lucta com uma terrivel commoção)* senhor!

MARQUEZ.

A prejura... sim... a prejura... *(forte)* Mentes, mordomo!... Mentes!

AFFONSECA *(altivo.)*

Não tenho esporas douradas, senhor; mas o meu sangue vermelho no chão dos combates, e não azul nos pergaminhos dos brazões, authorisa-me a repellir uma affronta. Snr. D. João d'Alemcastre! eu não minto.

MARQUEZ *(abraçando-o.)*

Perdoa-me... tu és um bom amigo. Bem vez que venho de lidar com as féras: honra de cavalleiro e urbanidade... já não são para mim.

AFFONSECA.

Que mais quereis que vos diga, senhor?

MARQUEZ *(riso forçado.)*

Tenho um rival, não é assim?

Digitized by Google

AFFONSECA.

Em pouco deixará de o ser, por que as bodas vão celebrar-se, e confio em Deus e na vossa honra, que não queiraes requestar uma dama casada. Snr. Marquez! cuidado por vós, que a justiça d'el-Rei vos não descubra. O vosso degredo ainda não está cumprido. Amigos, na patria, tendes poucos... um conheço eu... mas a cabeça desse é muito ignorada para valer o preço da vossa liberdade... Não vos sirvo de nada, senhor!... Hide-vos — é muito tarde...

MARQUEZ.

Hir-me! Não; nunca!

AFFONSECA.

Ouvireis logo um apito: é que o Infante, escoltado por vinte dos seus mais valentes creados, está fóra dos muros deste Jardim... para vir tomar o lugar, que já tivestes nelle.

MARQUEZ (*commovido.*)

Bemdito sejas tu, meu Deus! (*solemne*) Mordomo! fazes-me um serviço?

AFFONSECA.

Se a minha honra...

MARQUEZ.

Sahe — deixa-me.

AFFONSECA.

E vós!?

Digitized by Google

MARQUEZ.

Ficarei.

AFFONSECA.

Que intentaes?!

MARQUEZ.

Nada. Vêl-os; ouvil-os.

AFFONSECA.

E vinte braços armados de vinte espadas? *(o Marquez solta uma risada)* Não ficareis... meditaes uma loucura.

MARQUEZ *(friesa terrivel.)*

Mordomo! Sabes que, desde este momento em diante, todo aquelle homem, que se atravessar no meu caminho de sangue, hei-de pôr-lhe um pé no pescoço e passar por cima delle? Duas palavras: — recolhe-te, amigo.

AFFONSECA.

Quando quizerdes sahir.....

MARQUEZ.

Aqui tenho uma chave *(mostra-lh'a.)*

AFFONSECA.

Uma chave! Quem vos deu essa chave?!

MARQUEZ *(sorrindo.)*

D. Guiomar Coutinho.

Digitized by Google

AFFONSECA.

Quando ? !

MARQUEZ.

Quando este Jardim era o caminho que me levava ao quarto della. Basta — vai-te.

(*Affonseca sahe.*)

SCENA II.

MARQUEZ DE TORRES-NOVAS só.

MARQUEZ (*sentado.*)

Que é o que eu sinto dentro em mim ? — não sei ! Sei que soffro muito... que tenho o coração a estallar apertado por mão de ferro... tenho uma agonia que me mata (*pausa*). Fui trahido ! meu Deus... trahido ! (*erguendo-se*) e por ella ! ... e quem foi que me trahiu ! ... vergonha ! (*esconde o rosto entre as mãos*) Não é um sonho... é a realidade de uma espantosa traição, depois de quatro annos de desterro... ah ! (*grito sumido*).

Senta-se. Segue-se uma chacara cantada por D. Guiomar Coutinho: o Marquez ergue-se, e attenta:

CANTO.

Negro o céo, lua não tem,
Tem relampagos, trovões;
Negra a vida, não tem goso,
Tem ciumes, tem paixões.

Vem depressa, ó vida minha,
Tenho medo, estou sosinha.

Digitized by Google

MARQUEZ (*correndo na direcção da voz e suspendendo-se*).

Prudencia, desgraçado! Ouve-a... é ella a que se accusa... medita-lhe a sentença...

CANTO.

Quem me dera um céo d'azul,
Matisado de fulgores;
Então, sim; mas céo de trevas
Não sorri aos meus amores.

Vem depressa, ó vida minha,
Tenho medo, estou sosinha.

Um apito fóra do Jardim. O marquez arranca o punhal: vacilla entre os dous lados — o do canto, e o do apito.

MARQUEZ.

Ó minha cabeça, que te perdes! Deus vingador!... inspira-me, que eu serei a expressão da tua colera!...

(*Segundo apito.*)

SCENA III.

MARQUEZ, E AFFONSECA.

AFFONSECA (*sobresaltado.*)

Senhor!... aquella é a sanha... Ao terceiro apito a porta do jardim será aberta...

Digitized by Google

MARQUEZ.

Vai-te!

AFFONSECA.

Snr. D. João, que nos fazemos desgraçados... Por alma de vosso pai, vinde...

MARQUEZ.

Vai-te... deixa-me!

(*Terceiro apito.*)

AFFONSECA.

Estamos perdidos!... D. João... D. João... (*Ajoelha, e o Marquez, levantando-o, vai como insensivelmente.*)

(*Vozes dentro.*)

D. GUIOMAR.

Pedro! já tres vezes!... não ouves?!

PEDRO.

Ca vou, ca vou.

SCENA IV.

PEDRO, E AFFONSECA, *depois.*

PEDRO (*entrando.*)

Más terçans te limpem, coruja, que só namoras de noite (*reparando em Affonseca que sahe da floresta.*) O' diabo, que o mordomo ouviu...

Digitized by Google

AFFONSECA.

Que vinhas tu rosnando, rapaz?

PEDRO.

Não é nada, senhor Mordomo... é que estou farto de ser alcoviteiro... sim... pois eu não tenho razão? (*Quarto apito*) Os demonios te confundam e mais o teu assobio.

(*Sahe.*)

SCENA V.

D. GUIOMAR COUTINHO E AFFONSECA.

D. GUIOMAR (*não vendo Affonseca.*)

Já quatro vezes! malditos creados! (*reparando*) A estas horas, que fazeis aqui, senhor mordomo?!

(*trovão remoto.*)

AFFONSECA.

Contemplava a grandeza do Altissimo no bramir do trovão.

D. GUIOMAR (*ironica.*)

Então estaes muito contemplativo! Empregai antes o tempo, que desperdiçaes, em desempenhar melhor as vossas obrigações. Hide á vossa camara, se estaes farto de contemplar.

AFFONSECA.

Estou farto, senhora, estou farto de contemplar; e não ha muito que vi uma estrella toda louçan no seu fulgor, ser envolvida por nuvem negra como mor-

Digitized by Google

talha... Ficai-vos, senhora, que eu vou melhor cumprir as minhas obrigações; e, se dellas me sobrar algum tempo, pedirei a Deus por vós.

(*Sahe.*)

D. GUIOMAR.

Velho reloucado! eu acabara com as tuas rethoricas se fosses senhor de todo o meu segredo... Desgraçado delle... se não cerrar os labios ao pouco que sabe...

SCENA VI.

D. GUIOMAR E O INFANTE D. FERNANDO.

D. GUIOMAR.

Estavas já aborrecido de esperar, não é assim, meu querido? (*elle não responde, e mostra-se frio*) Que maneiras são essas? estás despeitado pela demora?!... eu não fui a culpada.

INFANTE.

Soffro muito, Guiomar... Tenho uma suspeita terrivel.

D. GUIOMAR. (*risonha.*)

Ciumes?

INFANTE.

Ciumes, sim — queres que te diga que sim? — Ciumes. (*Guiomar ri-se abertamente*) Hoje risos... manhã — lagrimas... talvez.

D. GUIOMAR.

Explica-te — não quero mysterios...

Digitized by Google

INFANTE.

Tenho uma carta de D. João Coutinho, capitão de Ceuta, onde se me diz que o Marquez de Torres-Novas fugira, incognito, para a patria... Ri-te, Guiomar!

D. GUIOMAR (*querendo occultar o sobresalto*)

Que me ria!... e por que não hei-de eu rir-me? Que ha de commum entre mim e o Marquez de Torres Novas?

INFANTE.

E que havia de commum entre ti e elle, quando, ha 4 annos, me pedistes de joelhos o seu desterro... e ainda mais que o seu desterro...

D. GUIOMAR.

Era um meu perseguidor, por que eu lhe disse um dia que o amava.

INFANTE (*ironicamente.*)

Mas disseste-lhe que o amavas...

D. GUIOMAR.

E não t'o disse eu a ti, quando te suppliquei que me tirasses dos olhos esse homem que se julgava senhor de atormentar-me, e á força distrahir-me o coração de ti... de ti, só, meu Fernando?!

INFANTE.

Cumpri.

Digitized by Google

D. GUIOMAR.

Não cumpris-te... se cumprirás não tiveras hoje receios...

INFANTE.

Era uma barbaridade matal-o. O braço d'um irmão de D. João 3.° não sabe brandir o punhal do cobarde... nem o meu coração está fascinado a ponto de tramar contra a existencia de um homem, que ergueu um dia os olhos para o anjo da minha vida.

D. GUIOMAR (*friamente.*)

Infante... não sei qual de nós nasceu para homem!... Os nossos corações não se entendem... Dai-me licença que me recolha... a noite está muito fria.

INFANTE.

Parece que te exforças em atormentar-me?

D. GUIOMAR (*ironica*)

Parece que ambos nos exforçamos... — são caprichos do muito amor, que se não explicam. Fernando, virás em occasião de melhor humor.

INFANTE

Basta de trocadilhos, Guiomar. Escuta-me. Eu receio muito de D. João de Alemcastre. Elle é neto de D. João 2.° — e filho do mestre de Santiago — não tem um coração popular para que nelle morra uma vingança. Lembras-te daquella cavalgada?... jurou-me então um odio implacavel... Não sei se o temo: sei que é o fantasma negro de meus sonhos... —

Digitized by Google

sobresalta-se-me o coração, se a sua imagem se ergue entre mim e o meu futuro...

D. GUIOMAR.

Tens medo delle? — diz — que sim, não duvides, por que um malvado é sempre temido. Fernando! sou mulher, o meu braço é fraco; mas, se eu podesse trocal-o com vinte annos da minha vida, por este teu braço, e por este punhal, (*fazendo a acção*) olharia para o meu delicioso futuro, e para a vida de D. João d'Alemcastre, como para cousas do meu coração e do meu punhal.... e se ainda...

INFANTE (*enfadado.*)

Silencio! Não me rasgues o véo transparente que me faz imaginarte o thesouro de quantas perolas o céo engasta no coração das suas creaturas escolhidas. E's muito linda, muito valente, muito generosa, tens tudo... mas que eu chegue ao dominio das tuas perfeições sem deturpar a minha gloria com uma gota de sangue. D. João de Alemcastre, amou-te, ama-te, arde em paixão, que importa? é elle criminoso? não: reste-lhe a gloria de conceber uma ideia arrojada. Que venha ou não venha D. João para a patria — é o mesmo. — Se elle tentar interpor a sua desesperação entre nossos amores, será repellido pela espada da lei. Quem é que o authorisa a erguer violentamente um throno sobre um coração que é meu? Elle não é cobarde. A' hora do dia se me affrontar, os nossos braços decidirão qual de nós é o talhado para possuir-te, minha Guiomar.... Repelles-me?

D. GUIOMAR (*repellindo-o.*)

Julguei-te até hoje um homem d'armas, e não um molle galanteador da côrte...

Digitized by Google

INFANTE (*com enfado*)

Guiomar! que queres tu que eu faça? (*Altivo*) Vinte homens escolhidos ahi estão fóra dos teus muros: a um leve aceno teu, elles serão vinte assassinos... que queres que elles façam?!

D. GUIOMAR.

Nada — que vos vades, para me eu hir.

INFANTE.

Irei... Guiomar... irei... Uma lagrima no teu seio!

(*Abraça-a*)

SCENA ULTIMA.

OS MESMOS E O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS.

MARQUEZ DE TORRES-NOVAS (*ao fundo*)

Infante D. Fernando! (*Elles desenlaçam-se*) Choras no seio d'uma adultera! Essa mulher já é casada!

(*Approxima-se de D. Guiomar*)

Nobre senhora! Braço d'homicida não vo-lo dou, por que o não tenho; mas um punhal aqui o tendes!

O marquez fita attentamente os dous, que estão como petrificados).

FIM DO 1.º ACTO.

Digitized by Google

Digitized by Google

ACTO II.

É NOITE.

Vista de sala da casa de D. Guiomar Coutinho. Tem ao fundo um arco, que deixa vêr um corredor transversal: duas portas lateraes. Uma harpa encostada a uma mesa; e, sobre outra, papel, tinteiro, &c...

SCENA I.

D. GUIOMAR COUTINHO, sentada a uma mesa, scismando profundamente.

(*Dez horas.*)

D. GUIOMAR (*erguendo-se repentinamente.*)

Vacillar! eu? vacillar... nunca! Ei-de, se tanto for preciso, tocar o ultimo élo da cadêa de meus crimes! Crimes! (*sorrindo*) que mal a sociedade classifica a renuncia que nós fazemos d'um amor fastidio-

*

Digitized by Google

so para saborear novas sensações!... Quem se atreve a condemnar a variedade de uma mulher, que tão fraca se humilha ás seducções de um homem?! Que me neguem um perdão, que me cuspam na cara o estigma da perfidia... neguem, cuspam... que eu me rirei dos ditos do mundo. Querem fazer valido este laço que liga dous entes n'um altar, e vai depois prendel-os ás margens do sepulchro?... querem que a mulher se acurve... Sinto passos... a esta hora... (*vendo Affonseca, a meia voz*) maldito! (*senta-se, em ar de despreso.*)

SCENA II.

D. GUIOMAR COUTINHO E AFFONSECA.

D. GUIOMAR.

Que tendes que fazer nesta sala, senhor mordomo?!

AFFONSECA.

Uma supplica, senhora.

D. GUIOMAR (*enfadada.*)

Dizei!

AFFONSECA (*aproximando-se.*)

Ha quatro annos que nesta sala, e a estas horas me não trataveis tão despresivelmente, senhora D. Guiomar.

D. GUIOMAR.

Quereis recordar-me alguns deveres?

Digitized by Google

AFFONSECA.

Sim, senhora.

D. GUIOMAR (*irritada.*)

Deveres?! Tenho alguns para comvosco... dizei?

AFFONSECA.

Para comigo, não, felizmente. Tendel-os grandes e terriveis a cumprir para com Deus, e para com a sociedade.

D. GUIOMAR.

Senhor Affonseca! sois muito importuno... não quero ouvir-vos — deixai-me (*faz menção de sahir.*)

AFFONSECA.

Ouvide-me, senhora, pela vossa honra, pela vossa vida, e não pela minha!

D. GUIOMAR.

(*Meia voz*) Inferno! (*alto*) Que quereis dizer-me? depressa...

AFFONSECA.

Houve um homem que vos dominou...

D. GUIOMAR (*interrompendo-o*)

Que?!

AFFONSECA.

Houve um homem que, senhor das vossas ac-

Digitized by Google

ções, escravo da sua paixão, confiado na vossa honra.....

D. GUIOMAR (*o mesmo*)

Basta! Ide-vos, ou eu me vou (*quer sahir,*)

AFFONSECA (*atalhando-a.*)

Ficai-vos, senhora. Duas palavras só — (*com mysterio*) — que a morte vos não encontre desprevenida para responder diante de Deus.

(*Sahe.*)

SCENA III.

D. GUIOMAR (*recordando-se.*)

Que a morte vos não encontre desprevenida... Foram as palavras dessa testemunha inexoravel do meu passado!... O meu passado! Tanto amor, tanta virtude, tanto crime... o que tem hido nesta minha existencia de vinte e cinco annos! Que mysterio eu sou! (*profunda meditação, sentando-se*) Não posso... não posso recuar... (*Ouvem-se trovões*) Que noite tão tempestuosa!... Que semelhança com a minha vida!... Não posso hir fallar-lhe ao jardim... tenho medo... não... não tenho medo dos relampagos... (*estremece ao clarão de um relampago*) Mas aquelle homem... aquella realidade terrivel de hontem á noite... elle... tão cadaverico... tão medonho... aquelle sorrir tão agoureiro de vingança... Não vou ao jardim... (*Tange uma campainha. Erguese e vai á mesa sobre que está a harpa*) Minha harpa... nem vontade tenho de tangerte... Guiomar!

Digitized by Google

que é do teu espirito inabalavel!... (*Reparando para a porta*) Ainda não? (*Retoca a campainha*)

(*Pedro ao fundo.*)

SCENA IV.

D. GUIOMAR COUTINHO E PEDRO.

D. GUIOMAR (*severa.*)

Onde estavas, Pedro, que assim te demoraste?

PEDRO.

Estava lá em baixo na albergaria, ouvindo o cego, que dá gosto d'ouvir-lhe os seus contos de fadas e feitiços.

D. GUIOMAR (*com curiosidade*).

O judeu?!

PEDRO.

O judeu!! credo! eu pensei que elle era um bom christão!

D. GUIOMAR (*vacillando.*)

Não... não é judeu... Eu cuidei... sim... é que pensei que fallavas d'outra cousa... (*reflectindo, a meia voz*) Que feliz inspiração!! (*alto*) Pedro, quero fallar com esse cego.

PEDRO,

Fallar com o cego! essa é boa! pois a senhora D. Guiomar quer hir á albergaria fallar com o mendigo?

Digitized by Google

D. GUIOMAR.

Não, mas quero que elle aqui venha fallar comigo.

PEDRO.

Deus nos defenda... nemja que eu aqui o traga... Que diria o senhor D. Francisco Coutinho se soubesse que sua filha falla de noite aos pobres! Deus nos defenda...

D. GUIOMAR (*imperiosamente*)

Meu pai está a dormir: aqui faz-se o que eu mando: — os creados, que me não servem, sou eu que os imponho. Parece-me que me entendes... Muito bem. O mendigo, que venha a este salão fallar-me — Conduze-o aqui — e auzenta-te.

(*Pedro sahe.*)

SCENA V.

D. GUIOMAR, *e depois* ISMAEL.

D. GUIOMAR.

Sinto ás vezes um prazer cruel em turturar-me! Quero vêr agora esse judeu, que se diz senhor de alguns segredos da minha vida, sem dizer-me quaes elles são. Disse-me que se interessava pela minha felicidade, e que me interessasse eu pela sua segurança, para elle poder cumprir um voto de vingança. Disse-me que não descubrisse eu que elle era judeu, que elle não descobriria um escandalo da minha vida E' um contracto garantido por dous crimes: para elle a fogueira, se o eu descobrir, para mim... a vergonha

Digitized by Google

eterna! Ha 2 annos que me pede gasalhado: tenho-lhe offerecido ouro — não o acceita. De dia fecha os olhos, e pede uma esmola. Qual será a victima desse odio de sangue? Pode servir-me de muito este homem. Os judeus são os melhores inventores de venenos... Eil-o...

(Ismael entra: Pedro faz-lhe a entrada, e auzenta-se. Ismael cobre um albornoz de mendigo: traz longas barbas postiças: as faces denunciam-lhe um longo soffrimento.)

Entrai — e podeis entrar com os olhos abertos, que não ha aqui quem vos denuncie.

ISMAEL.

Assim o julgo, caridosa senhora.

D. GUIOMAR.

Ha dous annos que fizemos um contracto.

ISMAEL.

É verdade; e não tivemos ainda a mais leve transgressão nas clausulas delle.

D. GUIOMAR.

Assim é; mas a vossa vingança tem tido grandes estorvos.

ISMAEL.

Muito grandes, senhora D. Guiomar... muito grandes.

D. GUIOMAR.

Nunca me deu para a curiosidade de perguntar-vos quem assim vos fez sanguinario.

Digitized by Google

ISMAEL.

Seria inutil.

D. GUIOMAR.

E estaes certo de que a vossa vingança e o vosso nome sejam sempre um segredo?

ISMAEL.

Pouco se me dá que o não sejam, com tanto que eu vá de rastos para a fogueira, quando um cadaver for levado ao tumulo.

D. GUIOMAR.

Mas se podesseis sobreviver á vingança, terieis nisso prazer?...

ISMAEL.

Um prazer de demonio... rir-me-hia continuadamente... Não, D. Guiomar, eu estou cançado de viver — depois do assassinato quero o suicidio.

D. GUIOMAR.

Tenho dó de vós!

ISMAEL.

Não, que a minha vida é muito digna de compaixão!...

D. GUIOMAR.

Mas queria ver-vos mais generoso comvosco mesmo... Parece-me uma fraqueza o suicidio, depois de uma vingança!... Eu, por mim, quizera viver muito, depois da morte dos meus inimigos...

Digitized by Google

ISMAEL.

Não pensaes bem, senhora! O remorso de duas horas é mais amargo que um trago de veneno que nos mata em dous minutos.

D. GUIOMAR (*rapida.*)

Veneno! e tencionaes consummar o suicidio pelo veneno!? E ha assim veneno que mate em dous minutos?! Deveis andar sempre precavido com esse veneno, não é assim?

ISMAEL.

É assim — por que não sei d'antemão quando saldarei as minhas contas com a perfida, e com este mundo de perfidas.

D. GUIOMAR.

Vós, os islamitas, tendes muita arte para colher das plantas esses sucos venenosos que matam em minutos. Queria acreditar-vos, e para isso peço que me mostreis o veneno que anda sempre comvosco.

ISMAEL.

Para que as minhas palavras não estejam por muito tempo em duvida... aqui tendes, senhora! (*mostra-lhe um vidrinho, ella toma-o rapidamente de suas mãos.*)

D. GUIOMAR.

Isto é que é o veneno, não é assim? (*reparando puerilmente*) Ora dizei, meu amigo, se vos offerecesse metade da minha fortuna, a minha perpetua

Digitized by Google

protecção, tudo, que sou e que valho, para me dardes este vidrinho, dar-mo-hieis?

ISMAEL.

Essa pergunta... senhora!

D. GUIOMAR (*com sentimento.*)

Esta pergunta é uma desgraçada mulher que vo-la faz. Já não é a senhora de Marialva, que vos supplica este vidro — é aquella infeliz, cuja vida sabeis... é uma atribulada, tambem, como vós, cançada de viver... e que deve um dia sacudir o jugo da existencia, e buscar no veneno a paz da morte.

ISMAEL.

Fazei primeiro penitencia, senhora! O vosso Messias não perdoa crimes dessa natureza. Buscai o martyrio, que tendes grandes peccados a baptisar no sangue, mas não vos suicideis... que ha na terra um homem, que vive de vós...

D. GUIOMAR.

Senhor! não me negueis este favor... Dai-me este vidrinho... será preciso que eu me prostre... (*faz a acção de ajoelhar.*)

ISMAEL.

Senhora! eu vos dou esse vidro... Chamastes-me para isto?

D. GUIOMAR.

Não: foi para ouvir-vos. Agora só quero de vós uma graça... que considereis toda vossa a minha for-

Digitized by Google

tuna, que torneis menos penosa a sorte de vossos irmãos, com o meu ouro...

ISMAEL.

Não tenho irmãos: sou só no mundo... E' logo meia noite — vou-me á cama que me esmollastes. Ficai-vos, senhora: o nosso contracto continua.

D. GUIOMAR.

Esperai que eu faço vir o pagem para conduzir-vos.

ISMAEL.

Não é preciso, senhora D. Guiomar. Já gozei muito brilhantes saraus em vossa casa. Já doudegei, como rapaz, pelos corredores do vosso palacio. Já desci muitas vezes á vossa albergaria para escarnecer dos truões...

D. GUIOMAR.

Vós! vós!

ISMAEL.

Eu — é verdade — eu, quando vosso marido, chamava amigos para o verem engrinaldar-vos a fronte de namoradas corôas... Adeus, senhora.

D. GUIOMAR.

O meu marido?!... Esperai! esperai!

ISMAEL.

O nosso contracto continua. (*estende-lhe a mão solemnemente e sahe.*)

(*D. Guiomar senta-se pensativa.*)

Digitized by Google

SCENA VI.

D. GUIOMAR.

Não posso recordar-me!... Será elle?... não é possivel! Ismael era um rapaz airoso, imberbe... este é velho... pallido... a sua voz não era aquella... Conheço este judeu ha dous annos, sempre esta figura... não é... não é possivel... Tudo a aterrar-me... que fraqueza a minha... Este mendigo não é Ismael... Ismael namorava D. Maria de Noronha... Não é elle... não pode ser... (*trovão—Guiomar estremece*) Tenho medo... quem me dera aqui Fernando... elle demora-se... Ouço passos... será elle?...

(*D. Guiomar vai como para esperar o infante, e recua diante de Affonseca com maneiras de despreso.*)

AFFONSECA (*profundamente sentido.*)

Escute-me duas palavras, senhora D. Guiomar.

(*D. Guiomar sahe.*)

SCENA VII.

AFFONSECA, *e depois* PEDRO.

AFFONSECA.

Oh meu Deus, que grandes infortunios não pesam sobre esta desgraçada familia! Vós o podeis, senhor, desviai o raio da vossa colera de sobre os innocentes que tem de pagar crimes que não fizeram! Esse velho pai, esse meu companheiro de batalhas que dorme a estas horas o somno placido do honrado ancião... mal sabe elle que labéo lhe cospe nas cans uma filha que elle amou tanto, e tanto perdeu com o seu mimo! (*senta-se.*)

Digitized by Google

SCENA VIII.

PEDRO E AFFONSECA

PEDRO (*espreitando.*)

Já por cá não está o cego?

AFFONSECA (*distrahido.*)

Desgraçados! desgraçados!

PEDRO.

Olá, snr. mordomo! estimo aqui encontral-o. Vm.ce não me explica esta entrudada que aqui vai esta noite?

AFFONSECA.

Deixa-me, rapaz!

PEDRO.

Pois não sabe que eu trouxe o cego aqui ao salão?

AFFONSECA.

Sei, sei, praza ao Altissimo que o não soubera!...

PEDRO.

Mas eu não me entendo com aquella cegueira... A senhora D. Guiomar disse ao cego quando elle entrou — « entrai com os olhos abertos. » Pois o cego havia de entrar com os olhos abertos?! E' verdade — quem foi que o levou lá abaixo á albergaria — seria a senhora?!

Digitized by Google

AFFONSECA.

Não sei.

PEDRO.

Nem eu. O que sei é que anda aqui grande embrulho, porque o cego não tinha alma d'atinar com a cama... Seja lá o que Vm.ce quizer. Eu vou abrir a porta do jardim ao snr. D. Fernando que não póde demorar-se...

(*Sahe.*)

(*Voz dentro* — D. GUIOMAR.)

Preciso entrar nesta sala — quero-a livre e desoccupada.

(*Affonseca ergue-se — levanta mãos e olhos ao céo em afflictiva resignação — sahe.*)

SCENA IX.

D. GUIOMAR (*só.*)

Tenho aprendido a vencer pelo rigor... Sei dobrar orgulhos... e nem sempre com o ouro dos cofres de meu pai... E' mentira... eu ainda ha pouco quiz dobrar o joelho a um homem que possuia um vidro de veneno... foi uma vergonha; mas ninguem me viu nessa humilhada posição... A lembrança daquelle homem... mata-me... Sabe que eu sou casada... Isto é horrivel!... (*Medita*) Veremos... póde ser (*com a satisfação de uma lembrança horrorosa*)... Tenho vontade de cantar... vem cá minha companheira, minha querida companheira de saudades (*pega da harpa*). Não te quero triste e silenciosa... ajuda-me a viver este instante de ausencia... Aquella chacara

Digitized by Google

tão linda dos ciumes de um desterrado... linda que ella era! se me lembrasse... ah! já sei...

(Canta acompanhando-se com a harpa.)

Stá d'anil sereno o céo,
Vai-te ao campo e colhe flôres,
Não te illuda um céo sereno,
O céo muda em suas côres.

Goza, ó monstro, em impios braços,
Esse amor, negro, infernal,
Mas se eu chego á patria, ó monstro,
Teme, teme o meu punhal! —

(*Deixa cahir a harpa: fica por alguns minutos n'uma especie de pasmo, e, com expressão de grande dôr, clama a meia voz*):

Aborreço este cantar... Já cantei esta chacara sem dôr... tão feliz com a minha frieza de coração... hoje não posso... que vida a minha! Que eu não possa arrancar do peito este espinho que me rasga...

PEDRO (*ao reposteiro.*)

S. Alteza, o senhor infante D. Fernando,

SCENA X.

A MESMA E O INFANTE.

D. GUIOMAR (*risonha.*)

Meu querido... ah! foi muito bom que viesses... estava tão triste... estou agora tão contente...

Digitized by Google

INFANTE (*friamente.*)

Sempre rindo, sempre festival... sempre a mesma!!

D. GUIOMAR.

Querias ver-me triste... tinhas prazer na minha dôr!? Triste! porque?... não fallas!?

INFANTE.

És um mysterio!! não te comprehendo!!...

D. GUIOMAR.

Cuidas que a presença desse homem me perturbou? Tenho pura a minha consciencia... o meu coração trasbordou de raiva, nutri um sentimento de justa vingança... mas não sinto mais que isto.

INFANTE (*acrimonioso.*)

Eu sinto mais alguma cousa... Sinto um desejo invencivel de que me arranques dos olhos esta venda, que me não deixa ver a tua vida e a daquelle homem. Amo a tua franqueza, Guiomar... é uma das prendas da tua alma; — sê franca! Desamarte... já eu não posso; mas quebrar pelas nossas relações intimas, posso, quero, e devo, se por desgraça D. João d'Alemcastre é aquillo que disse ser.

D. GUIOMAR.

Meu marido?!

INFANTE.

Teu marido, sim — teu marido.

Digitized by Google

D. GUIOMAR (*impaciente.*)

Infante!... não te devo amar.

INFANTE (*irascivel.*)

Por ventura é certo?...

D. GUIOMAR.

É certo que és um fraco... um injusto que me não crês, um temerario que me lèste na face um crime de adulterio...

INFANTE.

Não... não, Guiomar... Eu não creio..,

D. GUIOMAR (*sentando-se com affectação de grande dôr.*)

Meu Deus!...

INFANTE (*affavelmente.*)

Guiomar! creio-te como á palavra de Deus... Animo, meu anjo! perdão... escuta-me... D. João d'Alemcastre é um calumniador não é assim? é um infame que converteu o seu ciume n'uma mentira cruel?..

D. GUIOMAR.

Sim... um infame, que devèra pagar com a vida...

INFANTE (*interrompendo-a.*)

Com a vida, não, Guiomar. Matal-o... não. Preso, e arrastado perante um tribunal, ha-de sustentar que tu és sua mulher... Se o fizer... se convencer os juizes... — que vergonha, Guiomar!! — se o não fizer, ha-de ser lançado n'um carcere, e

*

Digitized by Google

desterrado para sempre. Matal-o... não. (*D. Guiomar escuta-o com indifferença*) Parece que te repugna esta minha serenidade?... Querias antes converter o amante em assassino?!...

D. GUIOMAR.

Fernando! as tuas palavras são repassadas de uma ironia, que me escandalisa...

INFANTE.

Não é ironia, Guiomar. E' que acima das nossas vinganças está a vingança do Eterno, e eu mais receio responder diante de Deus por um crime de sangue, que responder perante um tribunal dos homens em defeza da tua honra — Hasde ser minha esposa... juro-t'o eu, se por ventura ha juramento que valha em nome da tua pureza, e innocencia. Tumultuam no meu coração os desatinos de mancebo ardente, mas não posso ser cruel! A mais arteira espionagem foi hoje lançada em Lisboa, e até agora ninguem viu o marquez de Torres-Novas, que o conhecesse — Logo que seja encontrado, será preso; preso, será interrogado; convencido de calumniador, será condemnado.

D. GUIOMAR.

Pois sim, infante, pois sim... seja punido pela lei, e fiquem nossas consciencias puras.

INFANTE.

Não podias fallar d'outra maneira. Tens um bom coração... pareceste-me cruel por um instante... mas não o és... foi o receio de perder-me que te fez dezejar uma vingança... A noite vai alta, minha ado-

Digitized by Google

rada: — a tua alma deve estar cansada de tribulações... precisas descanso... adeus...

D. GUIOMAR (*friamente*).

Adeus infante. Manhã não poderei receber-te; não me procures.

INFANTE.

Por que?

D. GUIOMAR.

Por que? nem eu sei por que... Estou cansada de turturar-me... Estas duas noites tem-me sido um inferno de dous seculos... quero a solidão; quero-me sósinha no meu quarto, com as minhas lagrimas... Adeus...

INFANTE (*ressentido.*)

Pois sim, Guiomar, eu não te procurarei manhã.

(*Vai a sahir.*)

D. GUIOMAR (*commovida.*)

Infante...

INFANTE (*o mesmo.*)

D. Guiomar!...

D. GUIOMAR (*collocando-lhe a cabeça sobre o hombro, e levando-lhe a mão direita ao coração.*)

Amo-te tanto... estou tão perdida por ti...

INFANTE (*solemne.*)

Que incomprehensivel tu és, Guiomar!!

Digitized by Google

D. GUIOMAR (*deixando-o.*)

Ah! não sou — não, Fernando — sou uma mulher muito desgraçada... Vai-te... adeus... (*Sahe.*)

INFANTE.

Adeus, Guiomar!... Eu deixo ao tempo um retrato verdadeiro do estado presente do teu espirito.

SCENA XI.

D. GUIOMAR COUTINHO.

D. GUIOMAR (*erguendo-se, depois de meditar, sentada, algum tempo.*)

Tremo de mim! estou um coração de ferro... Arranquem-me da alma este amor que me sustenta... e eu serei um cadaver... Sou uma victima de perdição!... quem me fez assim?!... A'vante minha paixão!... se retrocedes, será perpetua a minha infamia... (*Torna a sentar-se: tira do seio o vidrinho que recebeu de Ismael e pouco depois o põe sobre a mesa*) Este veneno... resume-se aqui a minha fortuna... está nelle um mundo novo para mim. E'-me necessario que o marquez aqui venha... devo seduzil-o na primeira noite... envenenal-o na segunda... ah! eu era mais feliz se morresse... Vou escrever-lhe... (*pega da penna, e deixa-a cahir*) escrever-lhe... mas... para onde?!

Digitized by Google

SCENA XII.

D. GUIOMAR COUTINHO E O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS.

O MARQUEZ vem trajado como no primeiro acto.

MARQUEZ.

Aqui estou, senhora. Dai-me o gosto de ouvir-vos vocalmente os vossos preceitos.

D. GUIOMAR (*erguendo-se aterrada*).

Quem sois vós, senhor!?

MARQUEZ (*tirando as barbas.*)

Um homem, que creio vos interessa alguma cousa.

D. GUIOMAR.

Ah!... quem vos deu entrada aqui, marquez!?

MARQUEZ.

Depressa me conheceste, D. Guiomar Coutinho!? O marquez de Torres-Novas, ha quatro annos, era um vosso fiel confidente. Tinha uma chave que lhe abria o vosso jardim (*arremeça-lhe acima da mesa uma chave*) outra que o conduzia a esta sala (*o mesmo*) outra que o levava á vossa camara (*o mesmo*) — já sabeis, por tanto (*hironia*) assustada dama, quem deu entrada ao marquez neste vosso sanctuario de virtude...

D. GUIOMAR (*meia voz.*)

Oh! meu Deus! valei-me!

Digitized by Google

MARQUEZ.

Parece que a minha presença te não é muito agradavel, Guiomar!? Felizes todas as damas que são surprehendidas pelos seus amantes no acto em que desejam saber aonde devem mandal-os chamar. Aqui estou, senhora! Vamos, que esta noite é a da seducção... Em que vos póde ser util o pobre trovador?!

D. GUIOMAR.

D. João!... Eu vos imploro...

MARQUEZ.

Que me imploras, D. Guiomar?

D. GUIOMAR.

Perdão!... perdão!...

MARQUEZ (*sorrindo de escarneo.*)

Senta-te, mulher que te arrependes... (*Ella hesita e elle imperiosamente lhe aponta uma cadeira*) Senta-te!... (*Senta-se tambem elle um pouco desviado de Guiomar.*)

A alma gasta-se; com a alma vão-se as recordações... quero recordar-me d'uns contos lindos e tragicos, mas preciso que me soccorras com a tua memoria... Ouve-me.

Uma linda mulher requestára um homem, nem tão rico nem tão gentil como ella; mas era elle o requestado, e ella a furiosa nos delirios, a forte e violenta nas suas vontades. « Serás meu marido, apesar da vontade do mundo inteiro » — disse-lhe ella;

Digitized by Google

e elle respondeu-lhe — Pois sim eu serei teu marido por que não ha no mundo nem já agora a haverá, mulher que tanto me inspire o goso da escravidão do matrimonio. — Esse homem, e essa mulher entraram, sósinhos, pela callada da noite, em um templo, e disseram a um sacerdote « uni-nos para sempre » e o sacerdote uniu-os *para sempre*. Era forçoso o mysterio neste casamento: o pai dessa dama casada era um avarento nobre e orgulhoso; com a morte delle morreria o mysterio... « Pois bem, disseram-se os esposos, esperemos que elle morra, para que a sociedade supersticiosa levante a excommunhão do nosso thalamo furtivo. Alguns dias amaram-se muito. Viam-se duas horas por noite. Pareciam freneticos d'amor... Era a paixão que doudejava na sua embriaguez com toda a liberdade... Viveram esta vida risonha e encantadora por alguns mezes... não sei quantos... aqui é que a tua memoria tem um triumpho... lembram-te, Guiomar, os mezes que foram? *(silencio)* Não sabes...— é que a tua alma tambem está gasta... pois tenho dó do mal-aventurado filho de má sina que, por muito magoado, se esquece do muito prazer que já teve!... Adiante. Passados alguns mezes essa mulher, viu não sei onde, um cortesão de grande nome, neto e filho de reis! — grande nome que elle tinha! A dama gostou mais desse cavalleiro que de seu marido. O por que, é que a historia não diz... sabeil-o, vós, senhora? *(Ella ergue-se com força da cadeira, e vai sentar-se n'outra distante — elle arrasta a sua para perto)* Procurarei ser ouvido o mais commodamente — quero conhecer da vossa sensibilidade pelo movimento das vossas feições... por que esta historia é bem interessante... não é assim, nobre senhora?

Digitized by Google

D. GUIOMAR.

João d'Alemcastre!...

MARQUEZ.

Era o meu nome por esses tempos em que as verdades desta historia se passaram... hoje, senhora, sou um desterrado, sem nome, sem fortuna... um truão para o festejo das vossas bodas, se assim o quizerdes. . E a historia, que se me hia varrendo!!

Eu não sei o que essa dama apaixonada disse ao seu amante... Guiomar Coutinho é de esperar que o saiba... que lhe disse ella, Guiomar? Chorou assim como tu choras? estorceu-se n'uma cadeira assim como n'um pôtro de judeu? Ou foi violentada assim (*aperta-lhe um pulso — ella solta um grito*) pela mão de ferro do seu amante até se prostituir á vergonha do adulterio?... Nenhum de nós sabe o que lhe ella disse; mas o marido foi desterrado, como inimigo reservado de D. João 3.° Na ultima noite do seu *a deus*, a mulher do desterrado — visitou-o no carcere, e chorou como tu choras agora... Do alto da torre de Restello acenou-lhe com o seu lenço *molhado de lagrimas (sorrindo)* quando elle, mar em fóra, era levado pelo galeão que costumava despejar nas arcias d'Africa os criminosos de Portugal. Oh senhora! se o visseis por aquelles presidios a chorar lagrimas de sangue!... se visseis o marido innocente como as saudades da mulher e da patria o despedaçavam... Se o visseis por noites eternas a revolver-se com a dôr do innocente no chão despresivel do criminoso... se o visseis sem uma esperança, sem uma carta dessa mulher... sem um ceitil... a mendigar por portas que o despresavam...

Viveu quatro annos assim... já não podia suppor-

Digitized by Google

tar o soffrimento... o sangue gelara-se-lhe nos pulmões, a mortalha pendurara-se-lhe da ossada do corpo cadaverico... o misero queria vir á patria... ver sua querida mulher... e morrer no patibulo com o segredo do seu casamento. Era-lhe necessario fugir... não tinha uma moeda de cobre para comprar uma guarda. Restava-lhe o retracto de sua mulher, circundado de perolas... vendeu as perolas, e restituiu a seu seio o retracto de sua *virtuosa* consorte... (*arremeça-lhe o retracto*) Quem se atreveria a dizer ao desterrado « Morre ahi, homem atraiçoado, que tua mulher é uma adultera! »? Ninguem, pela minha e pela vossa honra, ousará dizel-o — pois não, destinada esposa do infante D. Fernando!?

GUIOMAR (*erguendo-se na mais viva afflicção.*)

Deixai-me, marquez!

MARQUEZ (*travando-lhe do braço, e fazendo-a sentar.*)

Assim vos aborrecem estas historias, tão ricas d'impressões fortes!? Haveis d'ouvir-lhe o resto, mesmo por uma ceremonia.

O desterrado voltou — vinham-lhe descarnadas as feições; e elle, mesmo assim, temendo ser conhecido, acabou por desfigurar-se com umas barbas como estas, e foi á porta de seus mordomos e pagens, cantar-lhes trovas a troco de um bocado de pão. Tudo isto fez elle para ver, ao menos, uma vez sua mulher... que depois... pouco se lhe dava a elle de morrer. Era um bom marido, não era, filha dos Marialvas?

D. GUIOMAR.

Oh! senhor!..

Digitized by Google

MARQUEZ.

Era em uma noite tempestuosa como a noite passada. O desconhecido com uma chave, que tinha da casa de sua consorte, entrou-lhe no jardim, sem esperanças de vel-a; mas contente ao menos de contemplar-lhe as telhas, que a cobriam. Alta noite, essa dama (*ironico*) bella como os lyrios, que pisava — candida como as açucenas que lhe ondeavam na orla do mantilete, e radiante como o relampago que lhe fulgurava nas faces, veio ao fundo do seu jardim, e deixou-se cahir nos braços d'um amante, senhora D. Guiomar, e não nos braços do marido! Era bello e terrivel este quadro!! (*Ella quer-se erguer e é obrigada a sentar-se*) Ainda é cedo: — (*rindo sarcasticamente*) — o remate é o melhor desta nossa historia, senhora! Os dous amantes fallaram de muitas cousas, e muito do coração: não lhes esqueceu o pobre desterrado — tambem fallaram delle... Ella suspirava por um braço de homicida e por um punhal; braço d'homicida não lh'o dera elle, por que o não tinha; mas um punhal — offereceu-lh'o o marido para que sua mulher *olhasse para o seu delicioso futuro como para cousas do seu coração e do seu punhal...* Era um marido condescendente, não era D. Guiomar?!

D. GUIOMAR (*voz alta — erguendo-se.*)

Basta, marquez!

MARQUEZ.

Mais baixo, senhora, que podem ouvir-nos. Este nosso dialogo é familiar como o de dous consortes, que se não replicam — e que transigem amigavelmente. A historia expirou — é assim que tu a sabes, Guiomar?

Digitized by Google

D. GUIOMAR.

Já vejo que quereis matar-me cruelmente com as vossas palavras...

MARQUEZ.

Eu! matar-vos!! Bem vejo que vos magoou esta historia, com que eu quiz recrear-vos: eu vou distrahir-vos dessas tristezas... (*Vai buscar o veneno de sobre a mesa*) Lindo vidrinho, e mais lindo pelo transparente liquido, que contém! Muito vê quem muito anda! Já vi assim um vidrinho com um liquido desta côr, do qual duas gôtas diluidas em um refresco transformavam um homem n'um cadaver em um momento. Ha invenções terriveis, não ha, D. Guiomar!!?

D. GUIOMAR (*de joelhos.*)

Compaixão, senhor!

MARQUEZ (*deixa cahir o vidro.*)

Compaixão, mulher! compaixão para ti, que me trahiste, que me repeliste, que me desterraste! Compaixão para ti, que me cobriste de opprobrio, de infamia, de ignominia, e me lançaste á face o escarro do adulterio! (*Ella quer ajoelhar-lhe*) A meus pés, não, Guiomar, que me assassinas com o horror da tua vileza! Ergue-te cheia de orgulho com as tuas torpezas, adultera! — cerra os labios de teu marido com a razão do teu adulterio! Por que me atraiçoas-te, Guiomar Coutinho!? Eu não tinha sido o primeiro homem das tuas affeições, Guiomar!? Eu não tinha recolhido ao coração o juramento da tua fidelidade, prejura!? por que me atraiçoas-te, Guiomar Coutinho!... Immudeces... choras...! donde te vem essas lagrimas,

Digitized by Google

coração de tigre!? por que tremes assim, mulher, que só te falta um braço d'homicida!? (*Mudança de voz*) Foi-te bem fatal esta primeira noite de seducção não é assim? (*rindo serenamente*) Falla, mulher, que mal te fiz eu? por que pediste o meu desterro depois de atraiçoado? por que me querias ver aqui morrer abrasado com um veneno? Que farias tu, durante os meus paroxismos, aqui a arrastar-me com as torturas do veneno neste chão... a teus pés... mulher sanguinaria!? .. (*sombriamente*) Sentes que deste braço mirrado se te infiltra nas veias o gello da morte?

D. GUIOMAR (*grito doloroso.*)

... Ah!...

MARQUEZ (*arrancando o punhal.*)

Não esperavas assim uma morte tão prematura — não é assim, adultera?

D. GUIOMAR.

Misericordia!

MARQUEZ.

Pensavas que gosarias dilicias com o teu amante á sombra do cypreste da minha campa?

D. GUIOMAR.

Piedade!

MARQUEZ.

Suppunhas accordar dos teus sonhos d'algoz nos braços do teu infante?

Digitized by Google

D. GUIOMAR.

Perdão!

MARQUEZ.

Perdão! — pede-o a Deus... uma oração curta pode commover o Altissimo... depressa, que o assassino só quer uma victima.

D. GUIOMAR (*de joelhos para fóra.*)

Morrer!... meu Deus!... Morrer.... Marquez... piedade... D. João... eu sou a tua mulher... ainda não fui adultera... eu o juro... ainda não fui adultera... Dá-me a vida, que é só para ti... Perdoa-me... que terás um dia remorsos de me matares...

(Durante esta falla o marquez como alienado parece não ouvir a exclamação de Guiomar. Com as mãos agarradas á cabeça corre ao fundo, como perdido da razão...)

SCENA ULTIMA.

AFFONSECA E OS MESMOS.

AFFONSECA vem á scena em quanto o marquez está ao fundo — Guiomar lança-se-lhe nos braços.

D. GUIOMAR.

Salvai-me... salvai-me...

(O marquez voltando, como cego, vai a descarregar o golpe, quando Affonseca ajoelha diante de Guiomar, que tambem ajoelha.

Digitized by Google

AFFONSECA (*estendendo-lhe a mão.*)

D. João d'Alemcastre!

(*O marquez recua como espavorido.*)

AFFONSECA (*erguendo as mãos.*)

Eu vos agradeço, meu Deus!

FIM DO 2.º ACTO.

Digitized by Google

ACTO III.

Terrado exterior da casa dos Marialvas — Ao fundo vê-se o edificio cujas janellas, decoradas com panaes de damasco transparentes, deixam vêr o clarão das luzes no interior: uma das janellas é rasgada em arco e de serventia. Ha uma porta respectiva, e supõe-se uma rua que atravessa o terrado.

SCENA I.

ISMAEL, trajado como no segundo acto, finge-se cego, e está encostado a uma casa lateral — CINCO ENCAPOTADOS, como em espreita d'alguem.

ISMAEL.

Nobres senhores! Dai ao cego mendigo a vossa bemdita esmola: Deus nosso Senhor vol-a veja dar!

1.° ENCAPOTADO.

Olha este que não lhe chegou o dia para pedir!

Digitized by Google

2.° ENCAPOTADO.

A noite não tem cancellas — diz lá o dictado.

3.° ENCAPOTADO.

São mais horas de recolher, que de pedir, irmão!

ISMAEL.

Agradeço-vos o conselho; mas peço-vos uma esmola.

1.° ENCAPOTADO.

Não viste por aqui um trovador?

ISMAEL.

Pois não vêdes que sou cego!? Inda que este terreiro estivesse cheio de trovadores, eu não era capaz de vêr um. (*Risada dos encapotados.*)

2.° ENCAPOTADO (*que tem estado d'observação.*)

Retira... que vem gente...

3.° 4.° e 5.° ENCAPOTADOS.

Elle?

2.° ENCAPOTADO.

Não — são fidalgos que vem ao sarau.

(Os *encapotados sahem.*)

ISMAEL.

Ha um segredo synistro nestes homens...

Digitized by Google

SCENA II.

ISMAEL, D. FERNANDO DE CASTRO, E D. GUTERRES DE SOUSA — que entram, accionando, como quem conversa.

ISMAEL.

Nobres senhores! dai ao cego mendigo a vossa bemdita esmola: Deus nosso Senhor vol-a veja dar.

D. GUTERRES (*para D. Fernando de Castro*)

É um pobre astucioso, não vos parece, Fernando? Mesmo á porta dos saraus, vem estes miseraveis entornar o prazer d'um cavalleiro que vive como quer viver? Miseria em tudo, e por toda a parte... (*para Ismael*) Quantos reaes brancos arranjas-te dos cavalleiros, que entraram?

ISMAEL.

Nenhum, senhor.

D. GUTERRES.

Ora pois, aqui tens doze, e vai-te á cama, que corre a noite fria (*finge que lhe dá a esmola e diz-lhe a meia voz*) Esconde-te por detraz dessas columnas, e escuta... Vai-te...

ISMAEL (*alto.*)

Deus vos prospere mil venturas, e seja pelas cinco chagas de nosso Senhor Jesus Christo — (*Vai-se, tateando o caminho com o pau. Fernando, que tem estado distrahido, volta a Guterres.*)

*

Digitized by Google

SCENA III.

OS MESMOS, menos ISMAEL.

D. FERNANDO.

Estamos sós, não é assim?

D. GUTERRES.

É verdade — sós como duas almas que nasceram juntas, juntas pensaram até á campa, e depois da campa, ainda juntas, foram pensar na presença de Deus.

D. FERNANDO.

Tenho-te mais que amisade... E' um devaneio delicioso, mais placido que o amor, menos ardente que a paixão... Crês, Guterres, que tenho só dous pensamentos na terra... só dous entes que me são caros?...

D. GUTERRES.

Creio tudo — tu não és ingrato — pagas como honrado amigo, o muito que te estimo. Sou feliz em partilhar na tua alma com a encantadora Maria de Noronha.

D. FERNANDO.

Accrescenta ao titulo de encantadora, o de minha esposa, (*expressão terrivel no rosto de Guterres*) que em breve o será.

D. GUTERRES (*emendando-se.*)

De certo? pois assim depressa vais esposal-a?...

Digitized by Google

D. FERNANDO.

E admiras-te?

D. GUTERRES.

Admiro, por que o premio quasi sempre é tardio ao verdadeiro merecimento. E's um raro homem, virtuoso e digno, a quem a realidade dos dezejos sorri de boamente. (*abraçando-o*) Parabens, meu caro Fernando!... Sabe que somos dous a sentir o prazer da tua dita... Tu e eu... Tu, por que és o amante querido da mais linda donzella da côrte de D. João 3.º — e eu, que sou o amigo d'alma do mais ditoso cavalleiro...

D. FERNANDO (*expressão de tristeza*)

Quem sabe, Guterres... quem sabe?

D. GUTERRES.

Tu, que m'o disseste.

D. FERNANDO.

Não fui eu que t'o disse... foi o coração que delira... Tenho de vencer estorvos... de quebrar talvez pela minha honra de fidalgo... para que D. Maria seja minha.

D. GUTERRES (*ancioso.*)

Explica-te·

D. FERNANDO.

Bem sabes que D. Alvaro de Noronha é um ambicioso, que não conhece almas talhadas para o merecimento da filha... quer ouro que peze tanto

Digitized by Google

como o ouro que ella tem... D. Maria é instrumento da avareza de seu pai...

D. GUTERRES.

Pediste-lh'a?

D. FERNANDO.

Pedi: — recusou-ma! Mandou-me á India merecer o honroso nome de meus avós, e grangear o ouro que elles me não deixaram.

D. GUTERRES.

E a tua espada ficou-se na bainha como a asevan de um peão... não é assim?

D. FERNANDO.

Elle era o pai de D. Maria de Noronha...

D. GUTERRES.

Já sei o que intentas — roubal-a... é verdade?

D. FERNANDO.

É verdade... se me aconselhares e ajudares com o teu braço e coração.

D. GUTERRES.

Deves ter traçado um plano para o rapto — não é assim?

D. FERNANDO.

Foi ella que o traçou.

Digitized by Google

D. GUTERRES (*ironico.*)

Oh! então deve de ser seguro e desariscado!

D. FERNANDO.

Não quero os teus sorrisos, Guterres! Dá-me o teu conselho de prudente, e assisado... bem vês que, eu e ella, ambos em assumpto d'amor desarresoamos...

D. GUTERRES.

Pois bem... falla... e não te enfades dos meus sorrisos, que são elles a prova da serenidade com que te ouço.

D. FERNANDO.

Passados quinze dias, vão começar oito noites de folgar seguidas em honra dos desposorios de D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando.

(*Vê-se passar ao fundo um trovador de mandolim ao tiracolo, pára um pouco, contemplando nas janellas do edificio, e prosegue.*)

D. GUTERRES.

Já sei... mas em que ficou uma balada de romance que por ahi correu de casamentos clandestinos... visoens de jardins...

D. FERNANDO.

Em nada — como devia ficar. Foi uma invenção de inimigos do infante, que prestes se dissipou... Vamos adiante. D. Maria de Noronha vem ahi ao sarau todas as noites — é livre, só ahi, onde o pai a não arreceia d'algum cavalleiro galanteador, por

Digitized by Google

que em festas publicas todos elles o são. O salão d'armas desta casa tem uma sahida pela galleria: eu esperarei por Maria nesse salão, sahiremos, e venceremos na primeira noite uma duzia de leguas... Na primeira igreja que encontrarmos, ella será a minha esposa á face de Deus... e depois... proteja-nos o Deus que nos uniu.

D. GUTERRES (*ironico.*)

O plano é facil e prompto... E' verdade... é prompto e facil... nem póde deixar de se succederem rigorosamente os lances que elle traça... Sim — D. Maria vem á sala d'armas... tu foges com ella... quem foge, desapparece... no dia seguinte casas... depois estás casado... E' verdade... estás casado... e tens conseguido quanto queres... o plano é logico!... Anda lá que a tua dama é a cabeça mais engenhosa para este genero de planos, que eu tenho visto...

D. FERNANDO.

Sempre ironico...!

D. GUTERRES (*emendando-se.*)

Ironico! — eu não sou ironico. Queres a mostra de que os labios que sorriem são sinceros como a alma que os inspira? Fernando de Castro! Na noite aprasada para a fuga, serão meus os cavallos que vos ponham fóra dos muros da cidade: — eu e seis creados meus vos acompanharemos, e seremos testemunhas do teu casamento. Acceitas o meu offerecimento?

D. FERNANDO.

Acceito... (*abraçando-o*) E's muito meu ami-

Digitized by Google

go... és um perfeito amigo, meu Guterres... (*ouve-se a musica*) Ah! vamos... vamos... que nos fogem os venturosos instantes...

D. GUTERRES (*sorrindo.*)

A ti... de certo. A mim, á fé que não... bem sabes que não amo... a minha alma é um oceano de tormentas onde não maream pilotos namorados... Vamos lá, meu caro Fernando...

(*Sahem.*)

SCENA IV.

OS ENCAPOTADOS *e depois* ISMAEL.

1.° ENCAPOTADO.

Os diabos os levem, que tanto tinham que dizer cá fóra!

2.° ENCAPOTADO.

E perdemos a occasião... O trovador esteve aqui parado a olhar para as janellas... era elle... e perdeu-se a occasião...

3.° 4.° e 5.° ENCAPOTADOS (*alternativamente.*)

— É verdade.

— Quem sabe se elle tornará?

— Tornar... isso torna elle... mas bem sabeis com que sagacidade o infante quer que façamos a caçada...

ISMAEL (*entrando.*)

Nobres senhores! dai ao cego mendigo a vossa bemdita esmola...

Digitized by Google

1.º ENCAPOTADO.

Ca está o importuno... Vai-te daqui embora, homem!

ISMAEL.

Que mal vos faz o pobre ceguinho, senhores!

2.º ENCAPOTADO.

É verdade... elle é cego... deixal-o estar...

3.º ENCAPOTADO.

Tu que tens — fome ou sede?

ISMAEL.

Fome, senhor!

3.º ENCAPOTADO.

Pois nós temos sede e fome, que é mais alguma cousa... Vamos á vida rapazes. Responsa-nos, velho, que, se nos não perder-mos, hasde matar a fome manhã.

(*Vão sahindo.*)

Pois a Virgem vá na vossa companhia. Eu cá vos fico responsando.

SCENA V.

ISMAEL (*toma a postura natural*) E D. GUTERRES *depois.*

ISMAEL.

Mais quinze dias... e eu estarei vingado! D. Ma-

Digitized by Google

ria de Noronha é a mulher que perdeu tres homens... Ahi está dentro um Guterres traidor como um judas... aqui estou eu sanguinario como um demonio... somos dous... dous condemnados... Desgraçado Fernando de Castro!

D. GUTERRES (*vindo do palacio.*)

Ouvis-te, Ismael?

ISMAEL.

Ouvi, D. Guterres.

D. GUTERRES.

Ella fugirá... e será delle.

ISMAEL.

Por que a não matas?

D. GUTERRES.

Matára, matára, se me não pedisses o privilegio de assassino...

ISMAEL.

Tens razão — o assassino sou eu.., quero ser eu... matára o homem que me roubasse o prazer de assassinal-a... Já sei tudo... preciso da tua protecção no momento da fuga dessa mulher... promettes-m'a, homem?

D. GUTERRES.

Sim... tudo... e um segredo eterno...

Digitized by Google

ISMAEL.

Não quero depois o teu segredo. Diz bem alto por essa cidade que o matador de D. Maria de Noronha foi o judeu Ismael. Dil-o bem alto, que os pedaços do meu cadaver pularão de prazer na fogueira dos judeus. Vêr-nos-hemos passados quinze dias — não é assim, D. Guterres de Paiva?

D. GUTERRES.

É verdade. Dá-me a tua mão d'amigo.

ISMAEL.

Não posso. E' impossivel sermos amigos. Ambos amamos a mesma mulher: pela raiva não fraternizaremos... adeus... deixa-me agora.

(*Guterres sahe.*)

SCENA VI.

ISMAEL *e depois o* MARQUEZ DE TORRES-NOVAS.

Raça de perfidas!... quem me dera apertal-a em vulto nesta mão, vê-la aqui desfeita em sangue e pó como hei-de vêr ainda a garganta do dragão que me envenenou a infancia com o halito da morte...

O marquez de Torres-Novas, vestido de trovador, entra na scena tocando um mandolim, que já vem tangendo de longe em quanto Ismael fallou. Traz as barbas postiças: e vem pallido e como sombrio

Digitized by Google

MARQUEZ (*cantando.*)

Quero folgares e saraus,
Quero trovar nesta lyra,
Quero amor, não quero a guerra,
Ruge a guerra, amor suspira.

ISMAEL.

Nobres senhores! dai ao ceguinho a vossa bemdita esmola.

MARQUEZ (*reparando.*)

E sabeis qual de nós será mais pobre!?

ISMAEL.

Pelo trajar certo que não sei, por que não vejo; mas pelo folguedo do cantar, por Deus, que sois mais feliz que eu!

MARQUEZ.

Mal daquelle que vive de cantar os prazeres alheios. Um trovador é um mercenario a quem se pagam uns tantos reaes, por uns tantos versos, que elle faz de sua lavra, ou pede emprestados a quem os fez, sem os sentir.

ISMAEL.

Então sois poeta, ou fazeis de poeta... Não sei qual dos nossos officios será o melhor. Ha em nós uma condição diversa. Vós hides, como o jogral, fazer rir fidalgos, que se desenfastiam com versos espirituosos. O bobo faz rir em prosa, e vós em verso,

Digitized by Google

a esmola é a mesma... Ora agora, eu cá tambem peço esmola, e se não faço chorar, pelo menos não faço rir.

MARQUEZ.

Lembráste bem... E's cego, mas vês mais que eu... Já agora heide levar a fim esta vida como tu hasde levar a tua. Tu hasde morrer a mendigar, e eu a cantar... Grande cousa é rasgar a vida em versos, quando para a desfazer em lagrimas má fada nola deu.

ISMAEL.

Então vós soffreis muito, ou estaes a mentir em prosa?... basta... quando fizerdes verso.

MARQUEZ.

Gosto de ouvir-te... Pareces-me um homem excepcional na tua classe!!

ISMAEL.

Assim o dizem muitos, mas não houve ainda ahi entre os que o dizem, alguem que fizesse de mim excepção aos mendigos... Peço esmola ha muitos annos... e assim vou vivendo confundido com as vulgaridades mendicantes (*sorrindo.*)

MARQUEZ (*reparando.*)

Ahi vem uma boa roda de encapotados... que não tem geito dos bons e leaes cavalleiros, a quem a noite é segura como o dia...

Digitized by Google

ISMAEL (*reflectivo.*)

Espera... chega-te aqui... ouve-me... és trovador?... ou finges sê-lo?

MARQUEZ (*admirado.*)

Que pergunta!!...

ISMAEL.

Quem quer que sejas... esconde-te... depressa...

SCENA VII.

(Os encapotados e tambem encapotado o infante D. Fernando vem entrando; este por debaixo da capa traja as gallas ricas da côrte — Marquez sahe.)

ISMAEL.

Nobres senhores! dai ao cego mendigo a vossa bemdita esmola.

1.° ENCAPOTADO.

Não te dissemos, velho avarento, que te fosses deitar?!

2.° E 3.° ENCAPOTADOS.

Fóra, fóra, daqui.

INFANTE (*retendo-os.*)

Deixai o desgraçado que mendiga... é uma infamia avexar o miseravel que nos não inspira com-

Digitized by Google

paixão... Não desprezeis quem pede, quando não quizerdes soccorrer.

4.° 5.° e 6.° ENCAPOTADOS.

É verdade! É verdade!...

INFANTE (*meia voz.*)

Acercai-vos de mim (*executam tirando os chapéos, e desembuçando-se*)

Pela terceira vez vos digo que o trovador deve ser preso, e depois de preso, respeitado e servido. Eu condemno na vida o que lhe pozer um dedo de escandalo. Tendes-me entendido, rapazes?

TODOS.

Muito bem.

INFANTE.

Pois muito bem, espero que executeis. Tomai estes trajos... adeus...

(*Entra no edificio.*)

1.° ENCAPOTADO (*para Ismael.*)

O que te vale meu sabujo... o que te vale...

5.° E 6.° ENCAPOTADOS.

Deixa o velho... vamos á vida... Rapazes!... hoje honrados como cavalleiros!... já que nos pagam para sermos honrados... não haja sangue...

TODOS.

Bem lembrada! viva a honra!

(*Sahem.*)

Digitized by Google

(Vozes remotas dentro no palacio — e rompe a orchestra á chegada do infante.)

Vozes — Viva sua alteza! Viva sua alteza! viva! viva!...

MARQUEZ (*com a mão sobre o punhal — defronte da porta do palacio.*)

Infame!

ISMAEL.

Que estaes ahi a rosnar!? é a rima infiel que vos dá tractos á memoria?

MARQUEZ (*como extatico.*)

Oh! que muito desgraçado eu sou!

ISMAEL (*á parte.*)

Quem será este homem?

MARQUEZ (*para Ismael.*)

Ouviste o que aqui disseram aquelles encapotados?

ISMAEL.

Não... mas entre elles havia uma voz de homem a quem os outros obedeciam... fallaram muito baixo depois... não ouvi nada...

MARQUEZ (*concentrado.*)

Quem sabe se um assassinio...

ISMAEL. (*á parte.*)

Que mysterio!...

Digitized by Google

MARQUEZ (*o mesmo.*)

A morte sem a vingança!...

ISMAEL (*nobremente.*)

Quem sois, senhor?

MARQUEZ (*surpreso.*)

Quem sou? não sabes já quem sou? um miseravel trovador...

ISMAEL.

Mentis! — se sois cavalleiro não me peçaes satisfação por que em honra vossa não m'a podeis pedir...

MARQUEZ (*aproximando-se lentamente.*)

E tu quem és?

ISMAEL.

Quem sou? não sabeis já quem sou? um miseravel mendigo...

MARQUEZ.

Homem! falla-me de traições, se as tens na tua vida... Diz-me que és um atraiçoado, por que eu jurei de andar errante pelo universo até achar um homem trahido mais vilmente que eu!

ISMAEL (*sorrindo.*)

Tenho dó de ti! Diz-me ahi algumas de tuas trovas repassadas de fél e odio, por que tens um vasto assumpto na tua vida.

Digitized by Google

MARQUEZ.

Parece que insultas a desgraça dos outros...

ISMAEL.

É que eu sou um egoista com os meus tormentos... Vem cá... não tenhas nojo destes andrajos... dá-me a tua mão... queres ouvir uma historia de traições?... Ora pois — é um judeu que t'a vai contar.

MARQUEZ.

Um judeu!

ISMAEL.

É verdade! — Eu queria agora ter olhos para vêr o effeito que te fez no semblante este nome da raça maldita...

MARQUEZ.

Vêr-m'o-hias sereno — continua.

ISMAEL.

Amei uma mulher da tua tribu, cavalleiro christão! amei-a com fogo de coração arabe — amei-a como se o mundo fôra um deserto e ella a unica mulher do mundo. Quando a não amasse mais, amei-a tanto como tu amaste a tua, por que a maldição do vosso martyr do Golgotha não buliu com os corações dos amaldiçoados... (*silencio*)

MARQUEZ.

Diz.

ISMAEL.

O teu rei faz-nos guerra de morte. Meus irmãos

*

Digitized by Google

vagam a estas horas por esse mundo desterrados, pobres, perdidos...

MARQUEZ.

E tu!?

ISMAEL.

Eu estou aqui como me vês.

MARQUEZ.

E não podeste...

ISMAEL.

Não pude o que?

MARQUEZ.

Sahir de Portugal por pobreza?

ISMAEL.

Eu podera forrar de ouro o maior galeão do teu rei que me levasse... O que não pude foi apartar-me dessa mulher que amava muito.

MARQUEZ.

Confundes-me, homem! tu... cego... mendigo...

ISMAEL (*sorrindo.*)

Cego!... é o habito de ter os olhos cerrados que me fez cahir na falta de os não ter aberto... Bem vez que a minha vista é tão clara como a tua!... (*Pega-lhe da mão, e collocam-se em meio da scena*)

Digitized by Google

Ah ah ah! vós, affeitos a muita franquia e lealdade, não sabeis fingir olhos, e caras... e esconder debaixo d'um manto de farrapos um punhal de vingança, quando o ouro já não vinga!... Adiante, não é assim? estás ancioso por saber o que te falta... Em quanto o judeu coberto d'ouro e pedrarias campeava por entre os mais ricos infanções da côrte... em quanto o judeu nos saraus dos nobres fascinava a raça feliz das bellas christãs — o judeu era a vida, e os sonhos da prejura... A prejura renegaria do seu Deus e da sua lei, se lhe eu dissesse um dia — « terás metade dos meus thesouros! » Proclamou-se o pregão inexoravel do exterminio. Os filhos foram arrancados aos pais, os pais verteram o veneno nas entranhas dos filhos, outros renegaram, e muitos foram dispersos ou mortos em nome de Jesus Christo, do throno e da santa religião. Eu nem me suicidei, nem me fui a terras estranhas. Tinha pai, e mãi, e irmãos, e amigos... dei-lhes a maior parte do meu ouro... e fiquei por cá, meu cavalleiro, na tua deliciosa terra, como uma gôta de sangue a vermelhecer n'um candido panal da Persia. Desculpa ao mendigo este dizer ressentido... Olha que sou muito desventurado!...

MARQUEZ.

Continua... eu ouço-te, como se fôra um teu confidente... um teu amigo... um teu irmão de raça.

ISMAEL.

Fui muitas noites á porta da minha amada... Passei-as no silencio da dôr... Se me viu... negou-se-me... se me fallou... com duas palavras... queimou-me as esperanças... calcou-me o orgulho de ho-

Digitized by Google

mem... matou-me o sentimento bom d'esta alma, que tive generosa e grande...

MARQUEZ.

Que te disse ella?

ISMAEL.

« És um judeu — nada ha de commum entre nós » — foi o que ella me disse... Tinha prejurado... estava nos braços d'um amante... desprezara-me por elle, como desprezara outro por mim...

MARQUEZ.

Que intentas?

ISMAEL (*friamente.*)

Matal-a.

MARQUEZ.

Matal-a!

ISMAEL.

Espantas-te, homem! Mentiste-me quando me disseste que eras um atraiçoado... Que intentas fazer tu á tua perfida?

MARQUEZ.

Nem eu o sei!! Se tu soubesses a minha vida...

ISMAEL.

Não m'a contes se é uma traição... são todas assim como esta... concebida a ideia de uma mu-

Digitized by Google

lher, e de uma traição... o mais é a differença de local, de tempo e de individuos.

MARQUEZ.

E como tens podido passar sem ser conhecido?

ISMAEL.

Facilmente. Esta raça de judeus o que não tem de christianismo deu-lh'o Deus de engenho. Este homem com quem agora fallas, se logo o vires, dirás que o nunca viste. Demais, se uma fatalidade me descobrisse, ha ahi entre os grandes da côrte uma mulher que me protege... é uma generosa mulher comigo... mas tambem é uma perfida... assim havia de ser... Creio que um recado meu para ella me livraria da fogueira dos judeus...

MARQUEZ.

Por que?!

ISMAEL.

É um segredo muito importante que lhe traria uma infamia grande se fosse revelado... D. Guiomar Coutinho...

MARQUEZ (*sobresaltado.*)

Que dizes?

ISMAEL.

Parece que vaes creando um grande interesse com a minha historia!

Digitized by Google

MARQUEZ (*o mesmo*)

Diz... diz... continua.

ISMAEL.

Não digo mais nada.

MARQUEZ (*mudança de voz.*)

Homem! tu conheces-me?

ISMAEL.

Não!

MARQUEZ.

Sabes que D. Guiomar Coutinho é casada?... (*Silencio*) responde... falla...

ISMAEL.

Sei.

MARQUEZ.

Como é que o sabes?

ISMAEL.

Fui testemunha do seu casamento.

MARQUEZ.

Tu! tu!

ISMAEL.

Sim — eu.

Digitized by Google

MARQUEZ (*procurando-lhe avidamente as feições, e affastando-lhe os cabellos do rosto.*)

Ismael! Ismael!

ISMAEL (*recuando.*)

Quem te disse o meu nome?

MARQUEZ (*serenamente.*)

Já resaste por alma do teu amigo d'infancia..? Julgaste morto no desterro o Marquez de Torres-Novas?

ISMAEL.

Deus de Abrahão!... que ouvi!

MARQUEZ (*tirando as barbas.*)

Duvidas, Ismael?

ISMAEL (*no maior transporte abraçando-o.*)

D. João d'Alemcastre!

MARQUEZ.

Muito desgraçados somos, amigo!

ISMAEL (*recordando-se.*)

Espera!... Já fallaste com Guiomar?!

MARQUEZ (*serenamente.*)

Já... duas vezes...

Digitized by Google

ISMAEL (*vivamente.*)

Oh! livra-te de um veneno que sahiu de minhas mãos!

MARQUEZ (*a mesma quietação.*)

Já estou livre!

(*Ouvem-se vozes perto e rumor de passos.*)

ISMAEL.

Vem gente... occulta-te... retira-te, se poderes... uns encapotados crusam este terreiro... procuram-te de certo...

MARQUEZ.

Dizes bem, Ismael, — eu me esconderei, por que ainda é cedo para mostrar-me.

(*Marquez retira-se — Ismael vai ao posto — e compõe-se para pedir a esmola.*)

Abre-se a janella rasgada do fundo e vêem-se a illuminação — cavalleiros e damas passeando — a musica ouve-se melhor.

SCENA VIII.

D. GUIOMAR E O INFANTE *perto da janella.*

D. GUIOMAR

Lembrou-se bem vossa Alteza — a gente abafa aqui dentro... ai! que aragem tão consoladora...

Digitized by Google

(Os cavalleiros tem desapparecido, e ficam sósinhos D. Guiomar e o Infante — chegam á janella com intimidade.)

INFANTE.

Que linda noite, Guiomar!

D. GUIOMAR.

É verdade, que lindo luar!.. as noites encantadoras são a copia fiel da minha vida... o amor no meio das trevas. Quantas noites assim passaremos ditosos?

INFANTE.

Tu reclinada no meu seio...

D. GUIOMAR.

E eu recebendo de teus labios o doce beijo da nossa ternura...

INFANTE (*reparando em Ismael.*)

Que vulto é aquelle?

D. GUIOMAR.

Ah! é o cego da minha devoção... ó ceguinho! apare lá a esmola... coitado!... tendes tido muita esmola?

ISMAEL.

Não muitas, nobre senhora! os cavalleiros do vosso sarau, bem mostram que ainda não estiveram

Digitized by Google

na India... (*Aparando*) Deus nosso senhor vol-a veja dar, e vos prospere mil venturas na companhia do vosso futuro esposo... Ficai com a virgem, nobres senhores...

(*Sahe da scena e passando pelo marquez que apparece encostado a uma columna.*)

Vêr-nos-hemos outra vez.

SCENA IX.

O INFANTE, D. GUIOMAR COUTINHO, E O MARQUEZ (*occulto.*)

D. GUIOMAR.

Mal sabes tu, Fernando, quem este homem é!

FERNANDO.

Um desgraçado mendigo, não é assim?

D. GUIOMAR.

Como te enganas! É um judeu que conspira contra a vida de teu irmão... tem relações muito intimas com Lopo Vaz de Sampaio.

MARQUEZ (*meia voz.*)

Infame!

FERNANDO.

Que dizes D. Guiomar?!

Digitized by Google

D. GUIOMAR.

Assim t'o affirmo, e bom seria que fosse preso... e exterminado...

FERNANDO.

Sim... mas é necessario convencel-o primeiro...

D. GUIOMAR.

Dareis lugar a que elle se defenda... por que é rico e poderoso... Nada de processos...

MARQUEZ (*á parte.*)

Santo Deus! que mulher!

D. GUIOMAR.

Faz saber isto ao rei... e abraça-me por te revelar um alto mysterio de estado... Não estás orgulhoso da tua espia secreta?...

INFANTE (*distrahido.*)

Sim... de certo... eu darei as ordens...

MARQUEZ.

Onde o encontrarei, meu Deus!

D. GUIOMAR.

Como isto aqui é lindo!... Eu não gosto desta musica estrepitosa dos saraus... antes as coplas de um trovador, descantadas no mandolim — não gostas mais, Fernando?

(Ouve-se o arpejo de instrumento)

Digitized by Google

D. GUIOMAR.

Escuta... não ouves... Fernando?

FERNANDO.

Ouço, é algum trovador..,

D. GUIOMAR.

Oh! se elle cantasse...

MARQUEZ — (*dentro.*)

CANTANDO.

Gosa inteiro prazer, ó adultera! (*erguem-se*)
Nesta noite tão bella d'amor
Quero ser teu feliz trovedor...

INFANTE (*sobresaltado.*)

Retiremo-nos, D. Guiomar.

SCENA X.

MARQUEZ, *virado para a janella.*

Não gostas destas musicas, demonio! (*desesperação*) E agora? nada de fingimentos! disfarces são traições!... (*arremeça o bandolim*) força meu braço... (*arranca o punhal*) Cobarde!.. se tens uma alma mais nobre que a da tua barregan... vem aqui fóra provar-me que o não é!.. Oh! e elle não vem... é um vil como ella... (*crava o punhal na porta*) esperaremos, meu punhal!... tu sim, tu... és-me fiel!

(*Vem á frente do palco.*)

Digitized by Google

SCENA ULTIMA.

Os ENCAPOTADOS com mais outro chegam em direcção do MARQUEZ — dous delles vão arrancar o punhal da porta — o MARQUEZ corre para o tirar e estorvam-no.

ENCAPOTADOS.

Estaes preso!

MARQUEZ.

Infames... eu para vós todos... mas dai-me o meu punhal!

2 ENCAPOTADOS (*sem o tocarem.*)

Estaes preso, senhor! A resistencia seria uma loucura.

UM ENCAPOTADO (*travando-lhe do braço, e affastando-se da turba.*)

Eu te salvarei!

MARQUEZ.

Esta voz! (*Ismael mostra-lhe o rosto*) Ismael! Traição!

(*Acercam-se os encapotados.*)

FIM DO 3.° ACTO.

Digitized by Google

ACTO IV.

1.º QUADRO.

O theatro representa o recinto da taverna de Mestre Gil. Mesas aos lados: n'uma dellas tres camponezes comem, e conversam, mostrando sempre grande attenção para D. Guterres e Ismael, que estão á mesa fronteira com botelha e cópos: estes estão disfarçados com chapeos aragonezes e mantos, segundo a época.

SCENA I.

D. GUTERRES, ISMAEL, os CAMPONEZES e MESTRE GIL.

MESTRE GIL (*para os da mesa da esquerda.*)

Vós para aqui bebeis muito pouco! Quereis fazer lastro com uns restos de perdiz que ahi tenho?

Digitized by Google

D. GUTERRS.

Talvez mais velhos que esta zurrapa que aqui poseste?

MESTRE GIL.

Zurrapa! o meu vinho, zurrapa! Que blasfemia! santo nome de Deus. Padre! (*para os da outra mesa*) O' rapazes! estão aqui a chamar zurrapa ao meu vinho!...

OS 3 DA MESA.

Lá o vinho bom é.

MESTRE GIL.

Ouvistes o que aquelles dizem? pois são os maiores borrachões da freguezia.

ISMAEL.

Está bom, está bom, vai-te embora: queremos conversar.

MESTRE GIL.

Conversem lá o que quizerem, mas não digam que este vinho é zurrapa... isto! (*pegando d'um cópo e examinando o vinho*) isto... zurrapa — quem?

UM DOS DA MESA DIREITA.

O' mestre Gil! (*este vai-se, e senta-se com elles.*)

ISMAEL (*meia voz com Guterres*)

Não sabes ainda o dia da partida?

Digitized by Google

D. GUTERRES.

D. Fernando de Castro, como tu já ouviste, disse-me que seria em uma das oito noites de bailes, que hão-de celebrar o casamento do infante com D. Guiomar Coutinho.

ISMAEL.

Mas quem sabe se esses festejos se farão?

D. GUTERRES.

Fazem, de certo, por que o marquez de Torres Novas não deu provas nenhumas. Dizem que havia na cidade de Lisboa uma testemunha do seu casamento, mas que elle não queria declarar-lhe o nome. Foi-se á igreja de Odivelas procurar o livro dos casamentos, o prior tinha morrido, e o livro desappareceu. Os padres hoje mesmo deram a sentença contra o marquez; e o tribunal condemnou-o a degredo perpetuo.

ISMAEL (*exaltado.*)

Por tua honra, que isso assim foi, Guterres!...

D. GUTERRES.

Por minha honra, pelos ossos de meu pai.

ISMAEL (*erguendo-se.*)

Infames!

(MESTRE GIL *e outros erguendo-se.*)

MESTRE GIL.

Então, que é isso?

Digitized by Google

D. GUTERRES (*para Ismael.*)

Que te importam a ti estas cousas, Ismael?

ISMAEL (*emendando-se.*)

É verdade — não me importam — mas tenho dó...

MESTRE GIL.

Então ha por aqui algumas desavenças?

ISMAEL (*forte.*)

Deixa-nos!

MESTRE GIL (*affastando-se assombrado.*)

Perdão, perdão! (*meia voz*) Que me dizem ao tal berro!?

D. GUTERRES (*para Ismael que tem a cara occulta entre as mãos.*)

Já vês que tudo corre ás maravilhas para a execução... tu não attendes?

ISMAEL (*erguendo a face.*)

Attendo — o resto já eu sei — n'uma dessas noites de bailes D. Maria de Noronha tenciona fugir — não é assim?

D. GUTERRES.

É verdade.

ISMAEL.

Tu introduzes-me no palacio de D. Guiomar Coutinho.

Digitized by Google

D. GUTERRES.

É verdade.

ISMAEL.

D. Maria ha-de vir á sala d'armas, onde D. Fernando de Castro a aguarda, não é assim?

D. GUTERRES.

É. Eu hei-de introduzir-te na sala d'armas, e convencionaremos então a sanha que te hei-de dar no momento em que ella partir para a sala — entendes-me?

ISMAEL.

Entendo.

D. GUTERRES.

Dar-te-hei uma chave de porta falsa por onde fugirás, depois...

ISMAEL.

Depois do assassinato... falla... não receies de offender-me. Não quero chave falsa, nem quero fugir...

D. GUTERRES.

Mas se és preso... e posto a torturas... talvez descubras os cumplices...

ISMAEL (*forte.*)

Calla-te, homem — pareces-me tão cobarde como desconfiado! Quando acabareis de saber que a

Digitized by Google

alma d'um judeu é maior que o convento do vosso rei D. Manoel?

(*Estas palavras ditas em alto som tem assustado os camponezes, que se vão escapando surrateiramente.*)

D. GUTERRES.

Falla baixo, homem, que nos ouvem!

MESTRE GIL (*meia voz.*)

Este é que era azado para o empenho do tal desconhecido!

ISMAEL.

Não temos mais precisão d'estarmos juntos — adeus — Vêr-nos-hemos pela derradeira vez, nos saraus de D. Guiomar Coutinho... Vai-te...

D. GUTERRES.

Tu ficas por aqui?

ISMAEL.

Fico.

D. GUTERRES.

Adeus.

(*Vai-se.*)

MESTRE GIL.

Então este senhor é o que paga?

ISMAEL.

Sou. (*lança dinheiro a cima da mesa.*)

Digitized by Google

MESTRE GIL (*embolsando.*)

Sim... perguntava eu...

SCENA II.

ISMAEL E PEDRO GIL.

ISMAEL (*deitando-se sobre um escabello.*)

Que horas são?

PEDRO.

Nove, dadas na torre de Belem. Vós quereis cá ficar esta noite?

ISMAEL.

Não, mas quero esperar pelas dez.

PEDRO.

É que, se quizerdes cá pernoitar, eu dou-vos um bom gasalhado... Ainda que eu seja confiado, como o outro que diz, vós sois de por aqui?

ISMAEL.

Que te importa? Eu não sou d'aqui, nem d'alem. A tua taverna é agora a minha patria.

PEDRO.

Por muitos annos e bons. E olhai que bem se vive nella, e muito boa gente cá vem consultar o mestre Gil, sobre cousas de alguma monta.

Digitized by Google

ISMAEL.

Não admira. Os homens da nossa laia tem ás vezes a chave de grandes segredos. Se não temos uma intelligencia sublime, compensou-nos a natureza com um braço forte. A's vèzes aprecia-se mais um punhal n'um braço popular, que um grande pensamento na cabeça de um doutor em phisica.

MESTRE GIL.

Lá isso é verdade (*á parte*) Este parece que servia! (*alto*) Então vós sois cá dos meus, heim?

ISMAEL.

Está visto — raça pura de peão e tygre furioso contra fidalgos e judeus.

MESTRE GIL.

Vallente como as armas, heim?

ISMAEL.

Lá isso não sei: o que posso dizer-te é que tenho affrontado homens e armas; as armas burnidas estalaram-me debaixo da adaga grosseira — os homens, que as vestiam, pediram-me misericordia.

MESTRE GIL (*á parte.*)

Está dito... Vou-lhe fallar no tal negocio — (*alto*) Ainda que eu seja confiado, como é a vossa graça?

ISMAEL.

Chamam-me Lopo Viegas.

Digitized by Google

PEDRO.

Por muitos annos e bons — Pois, snr. Lopo Viegas, eu tinha bem vontade de fallar-vos de um negocio de bastante interesse... se não levaes a mal...

ISMAEL.

Eu não levo nada a mal... diz o que quizeres... mas deixa-me ouvir-te com as commodidades possiveis (*deita-se no escabello.*)

MESTRE GIL.

Não que o caso é muito serio...

ISMAEL.

Não ha no mundo caso, que por mais serio, se não ouça bem deitado — Ora falla para ahi.

MESTRE GIL (*hindo fechar as portas, e trazendo um copo de vinho a Ismael.*)

Bebei deste vinho, que é cá uma reserva particular.

ISMAEL.

Não quero vinho...

MESTRE GIL.

Homem... essa!!

ISMAEL. (*apenas tocando com os labios no copo.*)

É bom vinho — Ora diz lá esse negocio.

Digitized by Google

MESTRE GIL.

Pois snr. Lopo Viegas — hontem por vólta de oito horas da noite bateram-me á porta de rijo. Abri, e entrou por aqui dentro um encapotado sem descobrir a cara. Deu-me as boas horas... e aquella voz pareceu-me de mulher. Sentou-se ahi nesse escabello, e parece que tinha medo de fallar. Depois, muito depois, começou assim a dizer — « Mestre Gil, a tua taverna é frequentada por algum homem a quem se possa offerecer um sacco de ouro? « A isto respondi eu — se vós quereis offerecer um sacco de ouro, aqui estou eu que bem preciso delle — Disse depois o encapotado. » Será teu se executares o que te vou propôr » Esteve um pouco callado ou callada por que cada vez se me afigurava mais ser mulher pelo timbre da voz, e depois continuou desta maneira... (*reparando em Ismael*) Vós estaes a dormir?!...

ISMAEL.

Não; que te disse depois o homem ou a mulher?

MESTRE GIL (*á parte.*)

Bem — elle interessa-se no conto. (*alto*) Disse-me assim « Existe um homem n'um carcere, quero que este homem seja morto, quem o matar poderá depois pagar com ouro aos matadores dos seus inimigos. (*Ismael vai-se levantando pausadamente*) Atreves-te ou sabes quem se atreva a fazel-o? » Eu fiquei sem pinta de sangue, como diz lá o outro; mas... ao mesmo tempo lembrei-me cá d'um certo freguez, que por aqui costuma vir, e disse-lhe que... poderia ser, que apparecesse alguem que o fizesse, nemja eu... Fiz-lhe umas perguntas a respeito de perigos

Digitized by Google

que corria a empresa, e o tal homem ou mulher... sim, por que eu não sei... disse-me que não havia risco — que o que quizesse ganhar o dinheiro havia de entrar no carcere com um signal... matar o preso... lançal-o de noite ao Tejo... e deixar uma carta, ou não sei que, na prisão.

ISMAEL (*com a maior curiosidade.*)

E pareceu-te que a voz do encapotado era de mulher?!

MESTRE GIL.

Eu não juro; mas diabos me levem se não era!

ISMAEL.

Que altura tinha?

MESTRE GIL.

Altura?... lá a respeito d'altura... dava-me por qui, pouco mais ou menos (*indicando o pescoço.*)

ISMAEL (*á parte erguendo-se.*)

Será possivel que seja ella?!

MESTRE GIL.

Então... que vos parece?

ISMAEL.

Quando torna aqui o encapotado?

MESTRE GIL.

Vem logo buscar a resposta.

Digitized by Google

ISMAEL.

Logo? Hoje? Esta noite?

MESTRE GIL.

É verdade. Agora vêde lá...

ISMAEL.

Vêde lá o que?

MESTRE GIL.

Sim... dizia eu... se vos fizesse conta...

ISMAEL (*sorrindo.*)

Matar o homem... é o que queres dizer?

MESTRE GIL (*hesitando.*)

Eu... apesar de não saber com quem fallo...

ISMAEL (*sorrindo.*)

Achas-me com cara de matador, não é assim?

MESTRE GIL.

Não... mas... como o outro que diz...

ISMAEL.

Pois bem: tudo é possivel. Eu esperarei que venha esse anjo da morte com o sacco d'ouro. Esconder-me-has, e diz-lhe que achaste um homem: pede-lhe as explicações necessarias...

MESTRE GIL (*atalhando.*)

Isso está visto.

Digitized by Google

Northwestern University Library

ISMAEL.

E depois fallaremos.

(*Duas pancadas na porta.*)

MESTRE GIL.

Ora esperai.

VOZ (*de mulher.*)

Mestre Gil! — abri.

ISMAEL (*para mestre Gil que quer hir abrir.*)

Não vás — espera — (*vai escutar á porta*)

VOZ.

Mestre Gil — (*batendo duas pancadas*) Mestre Gil.

ISMAEL (*affastando-se e com transporte.*)

É ella!!

MESTRE GIL.

Ella... quem?

ISMAEL.

Vai abrir... onde me escondes?

MESTRE GIL (*apontando.*)

Ahi, ahi nessa alcova.

Digitized by Google

SCENA III.

D. GUIOMAR COUTINHO *(encapotada em trajes de homem)* E MESTRE GIL.

MESTRE GIL.

Deus vos traga.

D. GUIOMAR *(querendo contrafazer a voz.)*

Demoras-te-te!

MESTRE GIL.

Estava lá dentro arrumando a trapalhada da cosinha.

D. GUIOMAR.

Então?

MESTRE GIL.

Então... o homem está arranjado.

D. GUIOMAR.

De certo?

MESTRE GIL.

De certo, é como vo-lo digo — o homem está prompto.

(D. Guiomar senta-se: como quebrantada pelo remorso, deixa pender a cara para entre as mãos e conserva-se assim algum tempo — mestre Gil olha para ella, e encolhe estupidamente os hombros.)

MESTRE GIL.

Parece que não estaes bom!... quereis tomar alguma cousa?

Digitized by Google

D. GUIOMAR.

Não. Eu posso fallar com esse homem?

MESTRE GIL.

Parece-me que não; mas, á falta delle, aqui estou eu para receber as explicações, e o dinheiro; o mais deixai-o cá por minha conta.

D. GUIOMAR.

Vem cá, escuta-me. O homem que ganhar estas dobras (*põe um saquito sobre a mesa*) ha-de hir á torre de Belem; apresentará ao carcereiro este annel (*tira um annel do dedo*); o carcereiro ha-de guial-o a uma prisão reservada... (*voz tremula*)... encontrará ahi um preso, e depois... ah! (*grito agudo e fica silenciosa por algum tempo*)

MESTRE GIL.

Então que é isso... quereis uma pinga de vinho?

D. GUIOMAR.

Não... deixa-me...

(*Ismael cautelosamente vem á scena — cruza os braços a olhar para ella, que o não vê. Gil, por detraz de Guiomar, mostra-lhe a bolsa com grande contentamento. Ismael acena-lhe com a cabeça em ar de approvação, e retira-se.*)

D. GUIOMAR.

Gil...

MESTRE GIL.

Aqui estou... e depois esse homem...

Digitized by Google

D. GUIOMAR.

Ha-de fazer com que o preso assigne esta carta... (*dá-lhe uma carta dobrada*) Esta carta ha-de ficar no carcere, o homem ha-de ser...

MESTRE GIL.

Morto, não é assim?

D. GUIOMAR.

E depois lançado ao Tejo... e as portas do carcere hão-de ficar abertas...

MESTRE GIL.

Muito bem! muito bem... contai com a execução de tudo isso...

D. GUIOMAR.

Posso hir descansado... não é assim — Gil?

MESTRE GIL.

Lá isso podeis...

D. GUIOMAR.

Adeus!

(*Sahe.*)

SCENA IV.

ISMAEL E GIL.

ISMAEL (*terminante.*)

Dá cá essa carta... e o annel. (*Recebe-os.*)

Digitized by Google

MESTRE GIL.

É verdade!... vós sabeis lêr?! vamos vêr o que ella diz...

ISMAEL (*abrindo a carta.*)

Põe a melhor vianda que tiveres sobre essa mesa...

MESTRE GIL (*deligente.*)

É verdade... tendes razão...

(*Ismael lê mentalmente a carta, com grandes commoções, entretanto que mestre Gil prepara a mesa.*)

GIL (*voltando do arranjo da mesa.*)

Essa carta diz que ha-de ser assignada pelo preso...

ISMAEL (*que ficou de braços crusados como extatico.*)

Já sei.

MESTRE GIL.

Dareis o annel ao carcereiro... ouvistes?

ISMAEL (*o mesmo.*)

Ouvi.

MESTRE GIL.

Vamos agora contar o dinheiro antes de cear... heim?

ISMAEL (*sahindo.*)

Adeus, mestre Gil.

Digitized by Google

MESTRE GIL.

E o dinheiro? — esperai. . .

ISMAEL.

Fica tu com elle.

MESTRE GIL.

Eu! . . . que dizeis?

ISMAEL.

Adeus.

MESTRE GIL.

E a ceia?

ISMAEL (*já fóra.*)

Come-a.

MESTRE GIL (*vindo á frente com grande espanto.*)

Que diabo é isto?

2.° QUADRO.

Vista de Carcere.

O MARQUEZ, vestido como o vimos quando preso, com o rosto natural, mas desfigurado pela pallidez, está sentado no banco dos réos — Sentados em frente, tres inqueridores do ecclesiástico, alternativamente assignam um papel.

Digitized by Google

SCENA I.

O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS E OS INQUERIDORES DO ECCLESIASTICO.

1.° INQUERIDOR.

Não tendes mais nada a allegar em vossa defeza?

MARQUEZ.

Mais nada.

2.° INQUERIDOR.

Foram bastante ociosos os vossos embargos á nossa ultima sentença.

MARQUEZ.

Pois então — Deus ponha a sua mão sobre a minha causa.

3.° INQUERIDOR.

Amen.

1.° INQUERIDOR.

A lei condemna-vos, na qualidade de nobre, a degredo perpetuo... veremos a piedade do soberano se vos commuta a pena.

(Erguem-se para sahir.)

MARQUEZ *(erguendo-se com arrebatamento.)*

Estou condemnado a degredo perpetuo!

2.° INQUERIDOR.

Remediai-o, que podeis.

Digitized by Google

MARQUEZ.

Ivos, senhores!... deixai-me!

TODOS.

Ficai com Deus, senhor marquez.

(Sahem.)

SCENA II.

MARQUEZ DE TORRES-NOVAS *e depois* O INFANTE D. FERNANDO.

MARQUEZ.

Estou condemnado a degredo perpetuo! Cifra-se nisto uma existencia horrorosa por causa de uma mulher! Já não tenho recursos... perdi as esperanças todas... recorrer agora... só para o punhal!... Quem me ha-de soltar deste carcere... quem me dará um momento de liberdade para esmagar o coração daquelle demonio?...

INFANTE *(ao fundo)*

Provavelmente ninguem.

(O infante socegadamente caminha para o marquez, que o encara soberanamente.)

Marquez de Torres-Novas, conheces-me? E' ocioso perguntart-o... és meu primo, fomos amigos, hoje somos rivaes — *(o marquez está excitado vesivelmente)* Serenidade, marquez. Não te temo, nem tu me receies. Hades ouvir-me. Tens sido pouco nobre nas tuas paixões... Quando se ama uma mulher, ou ella se deixa erguer um throno de dominio

Digitized by Google

na alma, e então o homem ama por desejo e gratidão — ou ella repele os affectos do que a requesta, e então é nobre o deixal-a na livre escolha de quem lhe apraz. A calumnia cuspida na mulher fragil por espirito de vingança... é uma infamia, não digna do filho do duque de Coimbra; é uma acção que um escudeiro não pratica, é um comportamento... que...

MARQUEZ.

Basta... D. Fernando!

INFANTE.

Hades ouvir-me, por que venho aqui para salvarte. Tive meios seguros de te fazer pagar com a vida um erro que te envergonha... mas não os aproveitei... Quero que vivas, por que a patria e eu exigimos a tua amisade e os teus serviços... Tens hoje mesmo a liberdade, e o perdão, se te desdisseres da falsidade que levaste aos tribunaes, sem uma prova, que deixasse um momento em suspeita a tua honra de cavalleiro... Foste condemnado a degredo perpetuo... appellaste para o tribunal ecclesiastico, esse decidiu como devia... Está provado, marquez, que o teu crime é o muito amor, e esse muito, e muito repellido.

MARQUEZ.

D. Fernando! que me pões a torturas com que não posso! Deixa-me... não quero perdão, nem liberdade... Reserva o nome dessa adultera... não o pronuncies... Vai-te!

INFANTE.

Não me hirei sem dizer-te que esta noite te se-

Digitized by Google

rão abertas estas portas, serás levado por gente minha ás fronteiras de Castella; passarás, rico da minha fortuna, a reinos estrangeiros, e dar-me-has tua palavra d'honra de não mais voltar a Portugal.

MARQUEZ.

Não dou! quero o degredo perpetuo, não quero ser rico do teu ouro... oh! tu não crês que essa adultera é minha mulher?

INFANTE (*sempre sereno.*)

Não creio: mostra-me um documento que me faça crêr-te.

MARQUEZ.

Não os tenho...

INFANTE.

Nem um accento...

MARQUEZ.

Foi rasgado...

INFANTE.

Nem uma testemunha...

MARQUEZ.

Existe uma...

INFANTE.

Já o disseste, mas que é della?

Digitized by Google

MARQUEZ.

Não posso. ... não posso dizel-a...

INFANTE.

Bem — não ha nada a esperar... Marquez — acceitas a minha protecção?

MARQUEZ.

Não.

INFANTE.

Reputas-me um rival generoso?

MARQUEZ.

Deus tenha compaixão de ti, quando o futuro te apontar qual de nós é o mais desgraçado!

INFANTE.

Marquez! Fica-me pura a minha consciencia... Adeus. *(Sahe.)*

SCENA III.

MARQUEZ DE TORRES-NOVAS E O CARCEREIRO.

CARCEREIRO *(fechando as portas, e sondando a segurança do carcere.)*

Então, snr. marquez, tem-vos corrido mal as cousas... Eu logo vi que vos havia de sahir cara a tal invenção do casamento!...

Digitized by Google

MARQUEZ.

Que queres tu dizer-me, miseravel?!

CARCEREIRO.

O que eu queria dizer-vos já está dito. Adeus *(Vai a sahir, quando batem á porta do carcere. O marquez senta-se e deixa cahir a cabeça sobre as mãos. E' estranho á scena seguinte: está como desmaiado.)*

MARQUEZ.

Oh meu Deus, a minha situação!

CARCEREIRO.

Quem bate?

VOZ EXTERIOR.

Abre.

CARCEREIRO.

Trazeis senha?

VOZ.

Trago.

CARCEREIRO (*abrindo o miradouro da porta.*)

Dai cá — e esperai — (*vem á bôca da scena confrontar um annel que recebeu, com outro que tem*) (*meia voz*) Não ha duvida é este o annel semelhante. Dous anneis de brilhantes e duzentas dobras cunhadas em Gôa... Muito bem... (*repetem as pancadas na porta*) lá vou, lá vou — Vai abrir a porta.

Digitized by Google

SCENA IV.

ISMAEL, *como no primeiro quadro*, MARQUEZ DE TORRES-NOVAS E O CARCEREIRO.

ISMAEL sem se desembuçar traz pela mão o Carcereiro á bôca da scena, e falla-lhe a meia voz:

ISMAEL.

Já sabes a que venho?

CARCEREIRO.

Sei... o homem está alli (*indicando o marquez.*)

ISMAEL.

Trago uma carta...

CARCEREIRO.

Que deve ser assignada pelo preso...

ISMAEL.

E que tu deves...

CARCEREIRO.

Hir mostrar ao cabido, e ao rei, e á côrte... Entretanto que vós...

ISMAEL.

Heide matar este homem, que...

CARCEREIRO.

Depois lançarei ao Tejo...

Digitized by Google

ISMAEL.

Quem t'o disse?

CARCEREIRO.

E a vós?

ISMAEL.

Não sei.

CARCEREIRO.

Eu tambem não.

ISMAEL.

Pois é o mesmo — auzenta-te por um instante — eu te chamarei.

CARCEREIRO

Ás vossas ordens — (*Sahe.*)

SCENA V.

ISMAEL E O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS.

ISMAEL (*sondando o pulso do marquez.*)

Que almas tão pequenas! Valentes, no campo da batalha, quando barateiam a vida para engastarem na corôa do seu rei uma perola, roubada aos pacificos habitantes do oriente! — Cobardes d'honra e espirito, quando é necessario vingar uma offensa propria! Desmaiado, como uma mulher... Pobre homem... tinhas um coração como poucos! Elle aqui está deixando-se morrer n'um carcere... escrupuloso de sacrificar a palavra d'honra d'um instante á uma

Digitized by Google

vingança de toda a vida! (*Agitando-o*) João d'Alemcastre!... marquez de Torres-Novas!... primo de D. João 3.º!... (*o marquez ergue a cabeça, e fita Ismael com penetração*) Ergue-te, que está aqui o mendigo da raça proscrita! Levanta-te, grande de Portugal! — é um judeo enchovalhado das vaias da plebe, que te chama á vida e á vingança!

MARQUEZ (*vozes abafadas e demoradas.*)

Ismael! tu atraiçoaste-me!

ISMAEL.

Ismael cubrira um manto de aguasil, derrubara a aba do chapeo, entrára na turba dos assalariados para te salvar, homem que fallas e não pensas! Que a tua perfida mulher te não pegue o contagio da ingratidão!... João d'Alemcastre! a minha voz vai soar altiva, como ninguem a ouviu ha muitos annos! Marquez de Torres-Novas! eu sou o teu libertador! (*abraçando-o.*)

MARQUEZ.

Oh meu amigo!

ISMAEL (*mostrando-lhe a carta que recebera.*)

Assigna esta carta!

MARQUEZ.

Esta carta!... isto que é?!

ISMAEL (*sorrindo.*)

Isto... é quasi nada... E' uma mulher, que

Digitized by Google

manda a um carcere matar seu marido, por alguns punhados d'ouro. (*mostra-lhe a bolsa, que arremessa depois sobre a mesa*) E' uma carta que o marido ha-de assignar um momento antes de morrer. Escuta: (*aproxima-se com elle de uma lampada suspensa e lê. Durante a leitura, o marquez exprime com alguns monossilabos soltos a sua desesperação. Algumas vezes quer interromper a leitura bradando* basta! basta! *ao que Ismael, continuando a lér, responde com um sorriso.*)

« D. Guiomar Coutinho foi a primeira e a ultima mulher que amei no mundo. Nunca fui amado por ella, e todo o amor que lhe tive alfim converteu-se-me em ciume, odio, e dezejo de uma vingança. Achava-me em Ceuta a cumprir um degredo, quando me constou que D. Guiomar hia ser esposa do infante D. Fernando. Fugi do degredo, vim á patria accusar D. Guiomar de adulterio. Cuidei que me vingava, mas o proveito que colhi desta infame calumnia foi o remorso para toda a minha vida. Fui preso, e condemnado a degredo perpetuo... forcegei por fugir deste carcere, pude conseguilo; mas, no momento da minha fuga, bradou-me a consciencia mais alto que todas as minhas paixões. Entendi que devia deixar nesta prisão um documento assignado por minha firma declarando innocente de todas as minhas calumnias, essa mulher que me perdeu com a sua isempção. Ninguem me tornará a vêr... peço perdão á minha familia de a ter deslustrado com um crime indigno de nossos avós — peço perdão a D. Guiomar... e se ella me perdoar, tambem conto com o perdão de Deus.»

Segundo as determinações de tua *virtuosa* es-

Digitized by Google

posa, esta carta devia-te ser apresentada desta maneira: (*toma uma postura arrogante: ameaça-o com o punhal, e aponta para a carta que põe sobre a mesa*) Assigna! (*mudança de tom e maneiras*) Tu assignavas... é crivel que sim... e depois a tua assignatura hia proclamar á côrte a innocencia de tua mulher, o teu cadaver era um segredo que as ondas do Tejo não descobriam, e o teu assassino matava sem saber a quem matava (*O marquez está exhausto de forças com a face escondida entre as mãos: Ismael bate-lhe no hombro*) Coragem, cavalleiro de Diu! Ergue essa fronte que ostentaste altiva diante das hordas do Malabar! Aqui tens um punhal... (*o marquez recebe o punhal em frenesi de colera*) queres agora o ar livre? eu vou abrir-te essas portas: vou-te levar aos salões de Guiomar Coutinho: hei-de encher-te esses ouvidos da harmonia dos menestreis que celebram os desposorios da muito amada e innocente esposa de D. Fernando! Heide mostrar-t'a com a face a revelar candura e paz de coração: não lhe verás a lagrima do remorso, nem a sombra d'um grande crime, que faz tremer os demonios no inferno, e nem sequer perturba o coração de uma mulher...

MARQUEZ.

Oh! meu Deus!

ISMAEL.

Eia! João d'Alemcastre! Jura pela cruz da tua religião, que eu jurarei por esse Deus que me inspira uma vingança de trahido, que os sinos dos campanarios hão-de tanger, á mesma hora, uma canção de morte a ferro frio, por Guiomar Coutinho, e Maria de Noronha.

Digitized by Google

MARQUEZ.

Ismael! — eu t'o juro!

ISMAEL (*apontando-lhe a cadeira junto da mesa.*)

Senta-te; (*o marquez executa*) Assigna esta carta (*o mesmo*) Agora... medita uma vingança digna de um Alemcastre: se é que vós outros (*sorrindo*) homens de um appellido estrepitoso e prolongado não sois menos nobres em vinganças, que qualquer plebeo que desde Adão e Eva não teve um appellido! (*Vai á porta do carcere, e chama*) Carcereiro!

SCENA ULTIMA.

OS MESMOS E O CARCEREIRO.

CARCEREIRO.

A's ordens.

ISMAEL (*affastando-se com elle do marquez, e a meia voz.*)

O homem vai ser morto.

CARCEREIRO.

Muito bem.

ISMAEL.

Aqui tens a carta. Vôa nas azas do saco de dobras, que ganhaste, por essa cidade; mostra essa carta no cabido e no paço; grita bem alto que o preso fugiu...

Digitized by Google

CARCEREIRO.

As minhas obrigações bem as sei eu...

ISMAEL.

Pois melhor... Depressa... *(O carcereiro sahe. Ismael demora-se um pouco a observar o sahida do carcereiro, depois, com solemne hironia, diz ao marquez)* Marquez de Torres Novas! vamos ao festim de D. Guiomar Coutinho. Não seja só o infante D. Fernando o que possua no dedo um annel da sua carinhosa esposa. Não lhe invejes a sorte. Aqui tens um annel da desposada (*mete-lhe no dedo o annel que recebera para senha.*)

MARQUEZ (*estupefacto.*)

Este annel!...

ISMAEL.

Esse annel é uma prenda dada ao teu assassino: com mais um punhado de dobras é o preço da tua vida!

MARQUEZ.

Inferno! inspira-me uma vingança de demonio!

ISMAEL.

O inferno ouviu-te: eu sou o seu enviado.

(Corre o pano.)

FIM DO 4.º ACTO.

Digitized by Google

Digitized by Google

ACTO V.

Sala de festas em casa de D. Guiomar Coutinho. Celebram-se os desposorios desta com o infante D. Fernando. Este com a esposa distinguem-se pela riqueza dos vestidos. D. Guterres, D. Fernando de Castro e D. Maria de Noronha, entre outras damas e cavalleiros, demonstram mais actividade e contentamento. Já em grupos, já aos pares, dama e cavalleiro, giram pelo salão. A um lado, Guiomar Coutinho com o infante D. Fernando — a outro D. Maria de Noronha com D. Fernando de Castro — estão sentados, e encaram-se com a vivida expressão de um amor feliz. Desviado, vê-se D. Guterres, que os observa, de braços crusados.

1.º QUADRO.

SCENA I.

OS MENCIONADOS NA DESCRIPÇÃO DA SCENA.

INFANTE (*para o par fronteiro*)

D. Maria de Noronha — é necessario que o vosso dia grande se não demore muito. Muito nova estaes, certamente; mas para casar não ha idade.

Digitized by Google

D. MARIA DE NORONHA.

Velha estou eu já com tanto esperar, snr. D. Fernando!

D. GUIOMAR.

Então quem é o da culpa?

D. FERNANDO DE CASTRO.

Eu por certo, não, senhora D. Guiomar!

INFANTE.

Isso creio eu: crescemos ambos nas paixões, e nunca fizemos mysterio das nossas affeições. Amigos sempre, não é assim, Castro?

D. FERNANDO DE CASTRO.

Sempre o fomos, e sel-o-hemos sempre, em quanto vossa altesa me não retirar essa honra.

INFANTE.

Honra, sou eu que a recebo dos bons amigos. Temos um só genio, uma só paixão, e, de mais a mais, um só nome.

D. GUIOMAR.

É verdade, D. Maria de Noronha! que pena eu tenho de me não chamar Maria!...

D. MARIA.

Ou eu — Guiomar!...

(*Erguem-se machinalmente e vem juntar-se ao meio do palco.*)

Digitized by Google

INFANTE.

Alli está D. Guterres a ouvirnos com bem inveja da nossa situação!...

D. GUTERRES (*entrando na roda, com dissimulação mal fingida. Commoção em D. Maria de Noronha.*)

É verdade, snr. infante! Inveja, não de vos vêr ahi enlaçados a tão lindas damas, que bem dignos sois dellas, e ellas de vós; mas inveja tenho eu daquelles que alcançam mais do que merecem!

D. FERNANDO DE CASTRO.

E não ha ahi neste salão vinte corações a disputar a gloria de merecer-vos?!

D. GUTERRES.

Não és tu, Fernando, authoridade de fé para assim perguntar. — E' a vós, senhora D. Maria de Noronha, que compete dizer — se eu terei coração que valha um sorriso de mulher?

D. MARIA DE NORONHA (*perturbada.*)

A mim!? a mim!...

D. GUTERRES.

A vós por certo — que sois um anjo para lêr segredos d'alma, que mulheres não sabem lêr. Olhai para mim, linda donzella! vêde se esta fisionomia revela coração de anjo ou de assassino!... (*Cresce a perturbação em D. Maria de Noronha; os circumstantes olham-a com admiração*) Parabens, (*sorrindo*) Fer-

*

nando de Castro! Vêde vós, senhor infante, que virgem tão pudibunda a córar d'um galanteio tão ordinario e innocente!! Eu não vos quero assim ter opprimida, casta Suzana! Vêde a vossa companheira (*apontando para Guiomar*) neste dobrar do cabo mais sereno de uma vida tormentosa... vêde aqui a senhora D. Guiomar tão linda e virtuosa como vós, a responder-me, sem córar. Dizei-me, senhora condessa de Marialva! Guterres, o cavalleiro de cem batalhas, o trahido por cem mulheres, achará na sua vida uma, que não seja perfida, uma perfida que não seja devassa, uma devassa que o não assassine?!

D. GUIOMAR.

Essa pergunta, snr. cavalleiro!...

D. GUTERRES.

Não vos cabe a ella responder — não é assim?

D. GUIOMAR.

Nem creio que caiba a outrem, por que muitos corações pulsam fieis por D. Guterres, e será talvez D. Guterres, que os accuse, depois de os prostituir.

D. GUTERRES.

Bem! muito bem... Hoje é o dia das felicitações. Parabens, snr. infante! — tendes uma espirituosa senhora! Alli tendes, D. Maria, uma resposta simples e conceituosa... O tracto (*sorrindo*) da côrte, e de vosso penetrante marido hão-de affeiçoar-vos a alma alli pela fôrma da de D. Guiomar Coutinho.

Digitized by Google

UM PAGEM.

Os menestreis esperam as ordens da senhora D. Guiomar Coutinho.

D. MARIA DE NORONHA (*meia voz.*)

Ainda bem...

INFANTE (*no centro da comitiva*)

Formosas damas, e nobres cavalleiros! Na sala proxima vamos, eu e minha esposa, fazer a nossa entrada de esposados, ao estillo de nossos avós, que do céo sorriem para a nossa felicidade d'hoje. Fazei-me a honra de assistir, que nisso prestaes bom e justo galardão á amisade que vos consagro.

CAVALLEIROS E DAMAS.

Á sala proxima!

(*Vão sahindo, menos D. Guterres que depois, se senta.*)

SCENA II.

D. GUTERRES *e depois* ISMAEL.

D. GUTERRES.

Ainda a vi córar de vergonha! E' resto de pudor a transluzir na cerração de uma alma de perfida! (*Ergue-se*) Remata-se aqui paixão de oito annos! Eu... trocado primeiro por um judeo rico... depois por um cavalleiro formoso... vim achar essa mulher quasi barregan á minha vista... ouvindo-me e córando... córando e atraiçoando-me!...

Digitized by Google

Quem não cuspiria na face do trahido, se elle não tivesse o recurso da vingança!... Felizmente... oh! felizmente... não será o meu braço o instrumento da punhalada!... Talvez que hoje mesmo Ismael...

ISMAEL.

É verdade — hoje mesmo!

D. GUTERRES (*sobresaltado.*)

Ismael! não estás aqui seguro... vai... esconde-te na sala d'armas... eu serei comtigo muito breve...

ISMAEL (*tranquillo.*)

Espera: na sala proxima folga-se agora a bom folgar. A sala d'armas é um cepo que espera uma victima. Deixa que o algoz respire este ar perfumado das flôres de Portugal... Não quero encarar muito tempo o meu tumulo... deixa a sala d'armas, escura e triste, para logo... Senta-te — que aqui ninguem nos perturba.

(*Ismael senta-se. D. Guterres está impaciente.*)

D. GUTERRES.

Ismael! vai-te, que eu sinto passos...

ISMAEL.

Tambem os eu ouço, mas não os sinto. O pé que houver de pizar-me hoje ha-de ser muito leve, e eu muito carregado no somno.

Digitized by Google

SCENA III.

OS MESMOS E D. FERNANDO DE CASTRO.

D. FERNANDO (*reparando em Ismael, e para Guterres.*)

Quem é este cavalleiro?

ISMAEL.

Não é cavalleiro, nem homem, nem ente moral — é uma cousa, uma insignificancia que equivale a *ninguem*. Fallai, á vontade, dos vossos amores e cavallarias, que eu vou-me embora. (*Ergue-se para sahir, e hesita*) Não!... Somos tres — prestai-me um momento de attenção — somos tres: cada qual de nós deve, por necessidade, ter uma amante — não vos parece?... Estaes mudos!?

D. GUTERRES (*á parte*)

Que hirá elle dizer!

ISMAEL.

Eu respondo por vós « Sim, cada um de nós deve, por necessidade, ter uma amante » Como é a vossa, D. Fernando de Castro?

D. FERNANDO DE CASTRO.

Bella e virtuosa como nenhuma.

ISMAEL.

E a vossa, D. Guterres?... Sois muio modes-

Digitized by Google

to... não quereis responder; eu respondo por vós: « Bella e virtuosa como nenhuma » Pois a minha tambem é bella e virtuosa como nenhuma. Aqui está um mysterio como o vosso da *trindade*: são tres bellas e virtuosas distinctas, e uma só D. Maria de Noronha verdadeira — Adeus, cavalleiros (*solta uma risada, sahe, e os dous ficam como estupefactos.*)

SCENA IV.

D. GUTERRES E D. FERNANDO DE CASTRO.

D. FERNANDO DE CASTRO.

Quem é este homem?!

D. GUTERRES.

Não sei. Achei-o alli sentado, como tu o achas-te.

D. FERNANDO DE CASTRO.

Que viriam a dizer aquellas palavras cabalisticas?!

D. GUTERRES.

Tambem não sei... O caso é que elle sabe da tua vida, e nós não sabemos delle nada!

D. FERNANDO DE CASTRO.

Estou afflicto!

D. GUTERRES.

Por que?!

Digitized by Google

D. FERNANDO DE CASTRO.

Hoje que a fugida se prepara... a apparição deste homem...

D. GUTERRES.

Que tem este homem com a fugida?... Não sejas creança supersticiosa... Vamos ao que importa... Os cavallos estão promptos... a que horas determinas a sahida... não respondes?!

D. FERNANDO DE CASTRO.

Estou confuso... Aquellas tuas maneiras com D. Maria de Noronha... a vontade que ella tem de já já fugir...

D. GUTERRES.

Tanto melhor para ti. Aquellas minhas maneiras foram um saldo de contas, que eu tive com uma mulher, na pessoa de D. Maria de Noronha. Mal sabes tu o que é o homem de coração espedaçado e morto! Se falla, as suas palavras são duvidosas e aridas como seriam as d'um espectro. Se olha, o seu olhar tem crispações de fogo que fazem córar as faces virgens como as da tua amante. Se respira, o seu halito importuna e enjôa como a exhalação d'um cadaver! Affaz-te a considerar-me um homem real como este homem imaginario... e depois repousa na innocencia de D. Maria de Noronha, e na amisade do teu inoffensivo Guterres. (*abraça-o.*)

D. FERNANDO DE CASTRO.

Ai de mim, se tu fosses um traidor!...

Digitized by Google

D. GUTERRES (*afflictivamente a meia voz.*)

Meu Deus!

D. FERNANDO DE CASTRO.

Guterres! nunca sejas ingrato á confiança que em ti depositei...

D. GUTERRES (*alterado.*)

Fernando de Castro! heide sempre chamarte amigo!...

D. FERNANDO DE CASTRO.

Ao dar da meia noite, D. Maria deve esperar-me na sala d'armas.

D. GUTERRES.

Ao dar da meia noite... muito bem. A cincoenta passos esperam-vos os cavallos mais adestrados que tenho, nestes lances apertados... Não percas um instante — vamos que a tua ausencia deve affligil-a...

(Vão a sahir, quando os esposados e as demais damas e cavalleiros entram ao passo da orchestra, que é executada na sala interior. D. Guiomar senta-se ao lado direito do infante, em lugar distincto, e os demais, damas e cavalleiros, onde quizerem.)

SCENA V.

OS MENCIONADOS.

INFANTE.

Sabei nobres damas e cavalleiros, que manhã

Digitized by Google

se celebram meus desposorios na real capella de meu amado irmão. Para ahi vos convido a todos, que assim é vontade d'el-rei, e de minha esposa D. Guiomar Coutinho, cuja honra e pundonor algum tempo incerto, se purificou pelos seus soffrimentos e pela declaração do nosso desgraçado irmão d'armas D. João d'Alemcastre, marquez de Torres-Novas. Eu, pois, vo'l-a apresento, digna do vosso cortejo, e digna irmã de D. João 3.º — *(Os cavalleiros erguem-se: curvam a cabeça e sentam-se. O infante agradece-lhes, e D. Guiomar, sem se erguer, acompanha-o no agradecimento.)*

D. GUTERRES.

Snr. infante! fareis justiça ás damas e cavalleiros, que vos ouviram, se os julgardes incapazes de em tempo algum prestarem credito ás calumnias do marquez de Torres-Novas. Nunca podemos crêr que tão gentil e virtuosa senhora como D. Guiomar, occultasse no rosto innocente o estigma infamante que D. João d'Alemcastre lhe denunciára.

CAVALLEIROS E DAMAS.

É verdade!

INFANTE.

Minha esposa agradece o justo conceito que della fizestes, mui formosas damas e leaes cavalleiros. A vós, D. Guterres, que tão bem interpetrastes os nobres sentimentos deste lusido cortejo, compete-vos dar a regra para os folguedos desta noite. Bom será que ella nos não fuja entre formalidades e galanteios. Comecem os jogos; cada dama, com o seu mais ama-

Digitized by Google

do cavalleiro, tome a postura que lhe convem. Confio, D. Guterres, que não ficareis sem dama.

(O infante com D. Guiomar erguem-se e vão occupar, de pé, um local; — em seguida, dama e cavalleiro, os vão imitando, ao compasso da orchestra que se deve ouvir desde o momento que o infante se levantou. Finalmente, D. Guterres fica izolado no meio do palco. A orchestra parou.)

D. GUTERRES (*cruzando os braços.*)

Agora vos digo eu, snr. D. Fernando, que bem azado estou para dar a regra para os jogos. Senhora D. Guiomar Coutinho! Bem vos tinha eu dito que os vossos salões não tinham dama, que fosse minha!... E' pena!... assim repellido aos vinte e cinco annos!..

D. GUIOMAR.

Será vossa a culpa, cavalleiro!

D. GUTERRES.

Pois se é minha a culpa, bom é que eu a expie... nesta solidão... Comecemos, pois, com este lindo folgar de amantes... Eu aprenderei de vós outros, felizes cavalleiros, a requestar uma dama, que me não deixe só na hora dos brinquedos... Tocai, menestreis!

(A musica executa, e é pouco depois suspensa, com a entrada do mordomo Affonseca.)

Digitized by Google

SCENA ULTIMA.

OS *mesmos* E AFFONSECA.

AFFONSECA.

Não principieis ainda.

ALGUNS CAVALLEIROS.

Que má nova trazeis?!

AFFONSECA.

Não é má, segundo creio. Um embuçado, que não conheci, mas que a meu vêr muito experimentado é nos andaimes desta casa, veio ter-se comigo, e assim me disse « Mordomo! vai á sala do festim, e diz a D. Guiomar Coutinho, que um cavalleiro, que muito a estima, lhe dá os emboras do seu casamento » — Poderei dizer-lhe o nome que tendes? — perguntei eu — « Não! — respondeu elle — mas dai-lhe este annel, que vale tanto como o meu nome... dai-lh'o como prenda de esposada » — Dito isto... auzentou-se. O annel aqui o tendes, snr.ª D. Guiomar Coutinho.

(D. Guiomar recebe o annel = Encontra a senha que dera para o assassinato do marquez de Torres-Novas. Solta um grito de horror; a isto succede a estupefação dos circumstantes — e cahe o panno.

Digitized by Google

2.° QUADRO.

Vista da sala d'armas; — uma lampada pendente derrama um brusco clarão sobre o verniz de algumas armaduras pendentes das paredes — Ha escabellos grosseiros ao correr da scena, e portas lateraes, com supposta communicação. Observe-se que a luz não deve allumiar a parte mais remota da sala.

SCENA I.

ISMAEL, *como o vimos no* 1.° *Quadro, entra, reparando minuciosamente nas armaduras.*

Eis-me aqui na sala d'armas do marquez de Marialva! Portugal! (*com hironia*) terra de valentes homens! Vêm-se aqui admirar os trofeos desta gente. Isto são armas de christãos — lanças e adagas tintas do sangue do mouro, e do indio... é a gloria do cavalleiro do Christo!... O sacerdote do crucificado não tem uma sala d'armas... — tem o pôtro salpicado de sangue do judeo... Gloria a elles todos!... (*Deita-se no escabello mais aproximado dos espectadores. Declama, muito concentrado.*) Perguntai ao homem, por que traz n'um riso aos labios todo o fél do coração!... Quizera aqui recordar-me de toda a minha vida... Eu precisava de chorar... e... não posso! — (*senta-se*) Meu pai, e minha mãi... minhas delicias da mocidade... no que parou a minha vida!... que morte eu tive tão desgraçada!... (*Levanta-se*) Despenharam-me neste abysmo... corromperam-me o coração... Foi uma guerra cruenta que a sociedade me fez... Roubaram-me a minha familia... soccorrime de joelhos ao amor de uma mulher... pedi-

Digitized by Google

lhe que me não quebrasse o derradeiro vinculo da existencia... e essa mulher despresou-me! Que sou eu aqui neste mundo sósinho!?... *(Senta-se, como embebido em profundos pensamentos)* Maria de Noronha!! *(baixo)* Maria de Noronha!!... devia-te ser cara esta traição! Oh! empenhaste a tua vida nos teus juramentos... foi um jogo em que tu perdeste... E depois... fizeste-me um reprobo... e aguçáste continuamente o punhal que te vai rasgar os encantos do seio, e a perfidia do coração. . *(Descahe n'uma prostração momentanea, e ergue-se furiosamente com um brado estridoroso)* Oh demonio!...

SCENA II.

D. GUTERRES E ISMAEL.

D. GUTERRES.

Modera-te... que esses gritos podem ouvir-se...

ISMAEL.

Ah! eras tu?... então?!...

D. GUTERRES.

Nos salões vai uma espantosa desordem! Começavam-se as danças, quando o mordomo de D. Guiomar lhe entregou um annel...

ISMAEL *(com transporte.)*

Um annel!!

D. GUTERRES.

Sim, um annel... dado...

Digitized by Google

ISMAEL.

Dado... por quem?

D. GUTERRES.

Isso é o que se não sabe... O mordomo disse ser um cavalleiro embuçado...

ISMAEL (*meia voz.*)

Uma indiscrição!!... (*alto*) E agora... transtornaram-se os planos, não é assim?

D. GUTERRES.

Creio que não... pelo contrario, esta desordem favorece os planos dos fugidiços... (*sorrindo*) Elles hão-de valer-se da desordem para por mais tempo serem desapercebidos...

ISMAEL.

Vamos: — a que horas é a fuga?

D. GUTERRES.

É o que ao certo não posso dizer-te. A' meia noite era o plano, mas a confusão do maldito annel veio transtornar... Espera... Eu vou para os salões observar o que vai: tu deves estar por aqui; — ao rez daquella parede atravessa um corredor. Mal Fernando de Castro me avisar que sahe, eu venho áquelle corredor, e dou-te um signal...

ISMAEL.

Que signal?

Digitized by Google

D. GUTERRES.

Espera... deixa-me lembrar... Ah! o signal é este: *(batendo uma pancada forte no copo da espada)* tu respondes-me com o mesmo signal... Depois cinge o ouvido á parede, e escuta o que te eu disser.

ISMAEL.

Maravilhosamente — maravilhosamente!

D. GUTERRES (*em despedida.*)

Vêr-nos-hemos, manhã, Ismael, na taverna de Pedro Gil.

ISMAEL (*profundamente triste.*)

Espera... Não sei se me verás... o sol de manhã não nasce para mim. Attende-me. Eu tenho uma familia errante sobre a terra. Tu conheceste meu pai, e minha mãi, e meus irmãos. De varios portos da Europa tenho havido noticias delles — hoje não sei se estão na Italia, mas caminho de lá parece que era o delles na data da ultima carta. Esta gente espera abraçar-me um dia, depois de uma vingança espantosa. A hora da vingança chegou, mas a do abraço nunca chegará... D. Guterres!... Eu devo morrer hoje...

D. GUTERRES.

Que dizes, Ismael!?...

ISMAEL.

Por Deus, não me interrompas! Eu devo morrer hoje, e eu quero as lagrimas de meu pai e mi-

Digitized by Google

nha mãi, por que não tenho outras. Quero um favor teu á hora da morte... Diz a essa familia infeliz... manda dizer a essas victimas proscriptas, que Ismael não vive já... Diz-lhe que o seu primeiro e derradeiro crime foi um assassinato... Diz-lhe que o sangue da criminosa me borrifou a cara, mas que os meus labios ficaram puros, pronunciando tremulos de morte, o nome de meus pais... Guterres! eu tenho muito ouro!... Debaixo dessas palhas, onde tres annos se debateu esta ossada cadaverica, acharás muito ouro... Distribue-o por esses meus desgraçados irmãos, na crença, que gemem escravos em Portugal!... Desce, em nome da tua religião e da minha, a essas sentinas onde se revolve a raça proscripta! Dá ao desgraçado, que morrer á mingua de pão, o obulo, não roubado, mas adquirido pelo suor de meus avós!... Guterres! (*com a voz tardia e quebrada*) Deus permitta que esta supplica do judeo não fosse em vão!...

D. GUTERRES.

Não o será... — eu t'o juro, homem incomprehensivel!

ISMAEL.

Incomprehensivel! Tens razão... E' verdade!... eu não me comprehendo!... Vai-te... adeus, D. Guterres.

(*D. Guterres sahe.*)

Digitized by Google

SCENA III.

ISMAEL *e depois o* MARQUEZ DE TORRES-NOVAS.

ISMAEL.

Cuidava eu que o dia da vingança seria o do prazer para esta alma sequiosa de sangue!... Enganei-me! Tenho tanto horror á vida como ao crime!... Saudades do mundo não as levo, mas fica-me cá uma existencia, que eu devera viver feliz!... Este braço... sinto fraquear-o!... nem logo poderei com um punhal!...

(Sentindo passos, embuça-se e procura o escuro da sala.)

MARQUEZ (*tambem embuçado, e espreitando com desconfiança.*)

Aqui... estarei seguro... foi a providencia...

ISMAEL (*sem se mover.*)

Não agradeças á providencia o auxilio no crime, cavalleiro christão!

MARQUEZ (*sobresaltado*)

És tu, Ismael?

ISMAEL (*aproximando-se.*)

Sou eu, D. João d'Alemcastre... Deixa-me vêr o annel que te dei.

MARQUEZ.

Deve possuil-o quem t'o deu.

Digitized by Google

ISMAEL.

Foi uma indiscrição.

MARQUEZ.

É verdade, e que me está sendo bem custosa.

ISMAEL.

Que tem havido?

MARQUEZ.

Tem sido procurado o perturbador dos folguedos. Valeu-me a protecção do mordomo; cheguei a medir a preza de bem perto, mas Guiomar está rodeada de cavalleiros... não pude tocar-lhe. Esperei-a na sua camara, ouvi passos, alguem entrou — era D. Fernando de Castro e D. Maria de Noronha. Senti-os beijarem-se freneticamente...

ISMAEL.

Inferno!

MARQUEZ.

E, depois, emprazaram a fugida...

ISMAEL. (*rapidamente.*)

Emprazaram... quantos minutos?!

MARQUEZ.

Não sei. Sahiram, e eu sahi... Guiou-me para aqui o mordomo... Eu tenho a cabeça perdida, Ismael!... Andei perdido nesses corredores, que, mais d'um anno, corri sem luz... Não sei agora o que

Digitized by Google

faça... hoje é a ultima noite... manhã estão casados... Aconse-lha-me, Ismael!... Eu vou abrir um caminho com o punhal até poder tocal-a...

ISMAEL.

Espera!... O teu juramento foi vão e inutil. Vingança... hoje... tenho-a eu só. Tens liberdade, marquez; espera melhor ensejo. E' impossivel!... hoje... é impossivel... (*vê-se grande clarão*) Olha... elles aproximam-se... procuram-te... fujamos... depressa...

SCENA IV.

Alguns cavalleiros e pagens com brandões accessos entram na sala: observam os cantos, e alternativamente dizem uns a outros:

— Era algum fantasma!
— Aqui, nada vejo.
— Nem eu.
— Por aqui tambem não.
— Vamos embora.
— Fernando de Castro? que é delle?
— Sumiu-se.
— E Guterres?
— Não veio.
— Ora venham cá.

(*Os cavalleiros acercam-se deste, que os chama á bôca da scena — e os pagens arredam-se para o fundo da sala.*)

— Que pensaes vós daquelle annel?
— Eu não sei. (*todos, encolhendo os hombros.*)

Digitized by Google

— Andará alli obra do marquez de Torres-Novas?

— Não... O marquez fugiu do carcere, mas deixou uma carta que justifica a innocencia de D. Guiomar. Bem a ouvistes lêr como eu.

— Lá isso é verdade!

— Então que Satanaz trouxe alli aquelle annel!

— Isso agora...

— O tempo responderá... Vamos espreitar, e aquelle primeiro que descobrir a intriga não fique com o segredo.

TODOS.

Boa palavra! — vamos espreitar.

(Sahem.)

SCENA V.

AFFONSECA, *com uma alanterna, e depois o* MARQUEZ DE TORRES-NOVAS.

AFFONSECA.

O desgraçado devia fugir para aqui. Permitta Deus que o não encontrem... Que cadeia de infelicidades... que futuro tão negro começa esta noite para tantos criminosos e innocentes! ... Se Deus me levasse deste mundo!... Onde acharei eu o infeliz?!... Quem sabe... talvez na albergaria... talvez...

(Vai a sahir, e encontra-se com o marquez.)

Ah!... sois vós, snr. D. João?!...

MARQUEZ.

Procuravas-me com anciedade, amigo fiel?...

Digitized by Google

(*abraçando-o*) E's o meu segundo pai... devo-te muito amor, e mal t'o pago com este abraço filial...

AFFONSECA.

Senhor! dais-me uma prova desse grande amor?... pagais-me essa divida de muita amisade fiel e paternal?... Hide-vos... eu vol-o peço, senhor!.. não angustieis mais este viver terrivel que aqui vai nesta casa...

MARQUEZ.

Entendes, amigo, que devo cruzar os braços, e ser a testemunha impassivel do casamento da adultera com o infante? (*silencio de momentos*) Falla, Affonseca! O marido de Guiomar Coutinho, o desterrado por ella, o innocente arrojado a um carcere por sua mulher, a condemnado a um degredo perpetuo, o homem cuja vida foi pesada pelo ouro da sua mulher!... eu que ainda sinto ferver-me o sangue, porque não estou morto, e por que não estou cadaver lançado no Tejo por ordem de D. Guiomar Coutinho... queres tu, mordomo, que eu não perturbe o folgar innocente dos cavalleiros... a paz domestica... o lindo futuro dos desposados?...

AFFONSECA.

Perdoai-lhe, senhor D. João!

MARQUEZ (*irascivel.*)

Fallaste de perdão, homem?! Deixa-me, que já não posso ouvir-te... Perdão! perdão... para Guiomar Coutinho!! Vai-te, que me acordaste no coração o tigre da ferocidade!

Digitized by Google

AFFONSECA (*com muito sentimento.*)

Deus vos perdoe... senhor marquez!...

MARQUEZ (*serenamente.*)

Homem! eu respeito os teus annos, e devo-te muito! Quero ouvirte... Conheceste-me desde menino; viste-me abrir o coração aos primeiros affectos; animaste-me a um casamento clandestino com essa mulher que vai manhã cazar-se; viste-me arrojado por ella ao desterro... Seguiu-se a infamia da deshonra... Guiomar Coutinho atirava-se aos braços de um amante, quando eu, por noites tormentosas de saudade, chorava o meu degredo, como choram os que soffrem innocentemente... Viste-me tornar fugitivo á minha querida patria... queria morrer nella... morrer, onde Guiomar me chorasse... Vim encontral-a adultera... Nenhum homem matára uma mulher com tanta justiça... Ergui o punhal... o golpe era mortal... encontrei-te entre o punhal e a victima... A perfida mostrou-se contricta... as tuas lagrimas salvaram-n'a... eu tinha-lhe perdoado, porque a infame me bradou « *eu ainda sou tua!* » Fui preso por ordem della — fui lançado n'um carcere — fui condemnado n'um tribunal...

AFFONSECA.

Oh senhor!...

MARQUEZ.

Espera!... Guiomar prodigalisou ouro a um assassino... Antes da minha morte a ferro frio, este punho devia assignar a justificação dessa mulher horrorosa... Salvei-me!... estou aqui no palacio della...

Digitized by Google

na vespera do seu casamento, nas suas bodas... Affonseca! que queres tu que eu faça a esta mulher?!

AFFONSECA.

Senhor D. João!... Jesus Christo perdoou aos seus matadores!...

MARQUEZ (*severo.*)

Deixa-me!... Estás bem pago dos teus favores... — fazes-me amargar com palavras brandas todo o fél da minha existencia!... Não venha o nome do Christo manchar-se nas torpezas do mais vergonhoso crime!... Affonseca! eu dei a alma ao demonio da vingança!...

AFFONSECA.

Santo nome de Deus!...

MARQUEZ.

Vejo um vulto... sahe... não quero que vejas este homem...

AFFONSECA.

Deus tenha compaixão de todos nós!...

(*Sahe.*)

SCENA VI.

ISMAEL E O MARQUEZ.

ISMAEL.

É necessario variarmos de posições, amigo marquez. A sala d'armas é minha; aqui está a minha

Digitized by Google

vingança — o meu leito de morte é este chão; o thalamo da fementida é aqui na sala d'armas de tua mulher. Eu quiz que nos vingassemos ao mesmo tempo... eram quatro almas que se atiravam juntas ao inferno!... Não póde ser... Hoje não te vingas... ámanhã quem sabe se o algoz te baterá á porta de um carcere...

MARQUEZ (*com serenidade.*)

Ismael! — eu te juro que não baterá!

ISMAEL.

O peior é que Ismael não poderá salvar-te!... Fraqueou-te o braço, João d'Alemcastre! Imprudente, arrojaste-te ao salão dos festins... era prudencia que a preza te não fugisse... Se eu visse Maria de Noronha, como tu viste Guiomar Coutinho!... se entre mim e ella eu não tivesse mais que derrubar alguns cortesãos frouxos e aseminados!...

MARQUEZ.

Mas a adultera ainda ahi está nesses salões... a noite tem ainda algumas horas... e eu só preciso um momento... Adeus Ismael!...

ISMAEL.

Espera, João d'Alemcastre... (*com muito sentimento*) Nós não nos tornamos á ver...

MARQUEZ.

Que dizes, Ismael?!

ISMAEL (*como distrahido.*)

Fui nobre em muitos sentimentos; mas a paixão do amor dominou-me. Amante como ninguem, ... amigo como ninguem. . . Tu, sim, marquez. . . bem sabes como eu fui amante e amigo! . . . Ainda bem, que veio comigo até ao tumulo a consciencia pura de ter feito grandes honras á amisade. . . . João d'Alemcastre! . . . eu salvei-te da morte. . . e que morte tão triste! . . . Quando eu te salvava, não encontrei braço d'homem que me salvasse a mim! . . . Fui infeliz como homem nenhum o foi! . . . Quem podia salvar-me era ella. . . Não lhe gritaram os remorsos na consciencia. . . riu-se da impunidade. . . e não teve para mim compaixão nem odio. . . Era a serenidade da indifferença. . . mais amarga que o fél do despreso! . . . Eu não quero recordar-me! . . . Lá vai perdido tudo! . . . Daqui ao sepulchro as minhas forças de vida resumem-se todas na mão que deve apertar um punhal! . . . Mas antes disso. . . antes que estes braços sejam manchados de sangue impuro. . . dá-me um abraço, homem desgraçado! . . . dá-me um abraço. . . (*abraçam-se*) sente as ultimas pulsações do teu amigo. . . e chora-me depois, que eu tenho direito a uma lagrima tua.

MARQUEZ.

Tu intentas o suicidio! . . . oh! não sejas fraco, Ismael! . . .

ISMAEL (*sorrindo.*)

Fraco! — fraqueza de quem olha orgulhosamente para as villezas da terra! . . . Fraco! . . . Chamas-me fraco, D. João?! . . . Eu, que podera afogar o remorso no mar immenso dos deleites que o meu ou-

Digitized by Google

ro me daria!... eu, que venho de fazer o papel de mendigo na sociedade para chegar ao supremo orgulho do que se vinga!... Eu não sou fraco... diz-m'o a razão que o não sou!... Tenho crenças na eternidade... o suicida ha-de ser atormentado no inferno... e eu quero as penas do inferno, e não quero as deste mundo... Sou corajoso, marquez!... corajoso como o que acha mesquinho o soffrimento da terra para expiar um crime...

MARQUEZ.

Pela nossa amisade, ouve-me, Ismael!...

ISMAEL.

São tardias as tuas reflexões... Deixa-me... preciso de ficar só... Adeus! (*abraçando-o estreitamente*) Adeus! Adeus!

MARQUEZ.

Oh meu amigo!... Eu te seguirei na morte!... Desgraçados!... desgraçados de nós!...

ISMAEL (*desenlaçando-se delle.*)

Mais coragem, D. João! Nada de lagrimas para homens que querem sangue!...

MARQUEZ.

Oh! sim! sangue! sangue!... (*Sahe arrebatado.*)

Digitized by Google

SCENA VII.

ISMAEL só (*muito recolhido em si.*)

Calai-vos, doces recordações do que eu já fui!.., Cala-te, remorso, que o meu tormento tem sido incomportavel!... Deus de Jacob!... eu sou um reprobo!... Eu não pude com a minha dôr... Sustive-me em quanto pude á borda do despinhadeiro, a religião não me valeu!... O crime está-me escripto na fronte... e eu quero morrer amaldiçoado!

(*Ouve-se rumor de gritos no interior... Vozes destacadas* Está salva!— Prendam esse homem! Por aqui!... &c. *Vai-se aproximando o clarão das luzes. Ismael retira-se. Cavalleiros e pagens atravessam com archotes, bradando* — Veio para aqui — A' albergaria! — *e ultimamente todos* — A' albergaria! *O salão volve ao silencio e ás trevas. O marquez de Torres-Novas, segue-os, sobresaltado.*

SCENA VII.

MARQUEZ *e uma voz occulta.*

MARQUEZ (*em desesperação,*)

Maldição! Parece que um demonio me destroe a minha vingança!... Um palmo... Um palmo só, e ella seria um cadaver agora!... Ismael! (*chamando a meia voz*) Ismael! oh! esta situação é terrivel... Serei eu preso... preso eu!... que vou consumindo inutilmente os escassos momentos de liberdade!...

(*No corredor, justamente o indicado por Guterres para o signal, dá-se uma pancada bem soante nos copos de uma adaga. O marquez sobresalta-se, e*

Digitized by Google

como por instincto de defeza, lança mão á sua adaga, que na pancada, produz um som igual ao do corredor.)

Estou prezo!... animo!...

(Segue-se outra pancada no corredor — então o marquez desembainha a adaga.)

VOZ *(no corredor.)*

Escuta, e prepara-te. Elles aproveitaram-se da desordem que vai no salão, e vão fugir. D. Fernando diz-me agora mesmo que mande aproximar os cavallos... Espera... sinto passos no corredor... distingo um vulto de branco... é ella... prepara-te!...

MARQUEZ *(comsigo.)*

Que palavras foram aquellas?!... Que D. Fernando vai fugir... que ella vem para aqui!... Eu tenho perdida a cabeça!...

SCENA VIII.

O MARQUEZ E D. MARIA DE NORONHA.

MARQUEZ *(reparando.)*

É verdade!... eu vejo um vulto... não distingo bem... parece-me ella... *(affasta-se para o mais escuro.)*

D. MARIA *(voz tremula e sumida.)*

Fernando! Fernando!... já aqui estás?...

MARQUEZ *(meia voz.)*

É Guiomar!...

Digitized by Google

D. MARIA

Que medo, meu Deus!... Fernando!... meu querido Fernando!...

(O marquez, rapido e arrebatado, se aproxima de D. Maria, que palpa as paredes do salão; e quando ella outra vez repete a invocação — Fernando! *elle trava-lhe do braço, ella solta um grito de terror, é dobrada para o chão, e recebe uma punhalada. O* MARQUEZ *curva-se sobre a moribunda, e com terrivel expressão brada-lhe:*

— Guiomar Coutinho! o espectro do salão era o marquez de Torres-Novas. As ondas do Tejo restituiram-te o marido e o algoz!

(Sahe apressadamente.)

D. MARIA *(apoz alguns momentos de silencio.)*

Virgem... nossa Senhora!. perdoai-me!.... ah!

SCENA IX.

ISMAEL, *e depois todas as damas e cavalleiros que vimos no primeiro quadro, menos D. Fernando de Castro.*

ISMAEL *(que não vê o cadaver.)*

Aquelle homem perdeu tudo!... Nem eu nem elle!... O terror espalhou-se nos salões... Dou um *adeus* á minha vingança d'hoje... *(tropeça no cadaver)* Quem está aqui?!... E' uma mulher! *(apalpa)* sangue!... está morta!... que é isto, meu Deus!... As feições são as della... Uma luz, uma luz!...

Digitized by Google

(Damas e cavalleiros, entre estes D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando. Os pagens trazem archotes, e acham Ismael, curvado sobre o cadaver.)

UM PAGEM.

Eil-o, eil-o aqui, snr. infante!... Um cadaver! uma mulher morta... é a senhora D. Maria de Noronha.

(Grito geral de terror.)

Ah! (*As damas vão ajoelhar junto do cadaver, que tentam levantar.*)

ISMAEL (*ergue-se e falla com a placidez furiosa d'um demente,*)

Quem foi o assassino de D. Maria de Noronha?

VOZES.

Tu, tu, infame!

ISMAEL.

Quem foi o assassino de D. Maria de Noronha?

INFANTE.

Quem és tu?

ISMAEL.

Ismael — o judeu!

VOZES.

O judeu!

ISMAEL.

Mas não sou o assassino!

Digitized by Google

VOZES.

Morra, morra o assassino!

(Ismael rasga o albornoz e expõe o peito.)

INFANTE (*para os cavalleiros que ameaçam Ismael.*)

Suspendei-vos!... *(para Ismael)* Tu matas-te esta dama, coração de tigre?

ISMAEL (*serenamente.*)

Devia matal-a; mas não a matei.

INFANTE.

Cavalleiros! prendei este homem. Sua real senhoria fará tremenda justiça.

(Os cavalleiros acercam-se delle, que velozmente bebe veneno d'um vidro que tira do seio.)

ISMAEL (*para os cavalleiros.*)

Affastai-vos! — deixai cahir desamparado neste chão o meu cadaver! Está ahi morta a mulher que me matou... dai-lhe embora a ella um tumulo de bronze... queimai o meu corpo, e atirai com as cinzas ao Tejo!... D. Guterres!

D. GUTERRES (*á parte.*)

Oh meu Deus!

ISMAEL.

D. Guterres!... onde estás? não tremas do judeo... (*vai-lhe a voz desfallecendo; as agonias, pouco*

Digitized by Google

depois, vem cortar-lhe as palavras.) Aqui tens o cadaver da mulher que amaste!.. Fernando de Castro! desgraçado!... eram tres os trahidos... mataram-t'a!... Senhora D. Guiomar Coutinho! este veneno abraza-me as entranhas... não façaes beber a alguem aquelle que me pedistes.. Não temaes, senhora!... eu tenho compaixão de vós... não serei o vosso juiz á hora da morte... (*cahe de joelhos diante do cadaver*) Guterres! Guterres!... dá-me os teus braços!... deixa-me repetir-te uma supplica... Olha aquelle ouro... soccorre os desgraçados... Olha a minha familia... Adeus... Meu pai... meu pai!...

D. GUTERRES (*meia voz.*)

Que martyrio!...

ISMAEL (*nos ultimos paroxismos.*)

Eu... dera-lhe a vida... se podesse... Está morta... não posso... Eu morro... meu Deus!...

(*Ao longe ouve-se um dobre a finados — O terror augmenta: Guterres, expirando-lhe nos braços Ismael, ajoelhou com elle*)

FIM DO 5.º E ULTIMO ACTO.

Digitized by Google

EPILOGO.

CINCO ANNOS DEPOIS.

Vista de rua que atravessa. Vê-se ao fundo aberta a portaria do palacio de D. Guiomar Coutinho. Luz frouxa de lampião alumia bruscamente o pateo espaçoso para o interior do edificio. Ha uma longa escadaria que tem de vêr-se em tempo conveniente.

E' ao anoitecer. Dobram os sinos a finados. Alguns cavalleiros vestidos de dó, e frades de S. Francisco entram mudos e tristes no portal do edificio. Os derradeiros cavalleiros, que são dous, e que designaremos por 1.° e 2.°, sombrios de tristeza e terror entram na

SCENA I.

DOUS CAVALLEIROS.

1.°

Bem diz o povo que a maldição de Deus cahiu sobre esta familia!...

Digitized by Google

2.°

Anda aqui grande peccado!... A ira de Deus é justa e immensa!...

1.°

Em menos de tres mezes quatro tumbas!!

2.°

E não tardará a quinta, que D. Guiomar não vai longe!...

1.°

Tu não viste o que foi de horrivel ha 5 annos naquella noite do casamento do infante?!

2.°

É verdade... a morte de D. Maria de Noronha... o suicidio do judeo que a matou... aquelle annel que ninguem sabe o que foi...

1.°

Pois ahi tens... Eu nunca pude acabar comigo uma suspeita diabolica... D. Guiomar Coutinho era casada!...

2.°

Isso é falso... Não viste aquella carta, escripta pelo marquez de Torres-Novas, quando se fugiu do carcere?!....

1.°

Vi, vi, e que tem lá isso? A vingança de Deus é um segredo para nós... Assim m'o disse o nosso

Digitized by Google

antigo companheiro d'armas, Fr. Guterres, tão sabedor hoje de livros, como então o era do jogo das armas...

2.°

É verdade... D. Guterres!... que cavalleiro elle foi tão apaixonado de damas e batalhas!... no que aquella vida deu!...

1.°

Foi tambem nessa noite fatal!... Desde aquellas mortes ninguem mais o viu... os cabellos fizeram-se-lhe brancos; está um velho, que mette dó de ouvil-o chorar... e ninguem sabe por que chora!... Visita os servos judeos pelos hospitaes e pelas albergarias; dá-lhes com mão larga dinheiro, que por ahi se diz que lhe vem de Deus! do seu... certo é que não, que o não tinha... Em fim... mysterios do céo... Vamos cumprir os ultimos officios d'amigos...

2.°

Que muito o fomos desse homem que, viçoso de annos e ventura, deu na terra do sepulchro com uma vida, que tantas saudades aqui deixou!...

SCENA II.

Fr. GUTERRES, da ordem franciscana, outr'ora o cavalleiro D. GUTERRES, sahe da portaria. Na face lê-se-lhe um grande crime de remorso eterno; a velhice prematura branqueou-lhe os cabellos, mas não lhe devorou certa altivez de guerreiro.

D. GUTERRES *só*.

Cinco annos depois encarei de face a face as

Digitized by Google

testemunhas do meu crime! Vi um ataude, e o crepe negro, e o brandão dos finados, na mesma sala onde espreitei a mulher que devia morrer. Oh meu Deus! ouvi gemidos... recordei todo o horror do meu crime... pedi coragem á minha alma para não gritar diante da côrte... « *Eu sou um traidor! Eu sou um assassino!* » As minhas mãos não estão salpicadas do sangue da assassinada... mas foi com estas mãos que eu a expuz aos golpes de punhal... Eu fiz um matador... instiguei a colera de Ismael para assassinar Maria de Noronha!... Eu fiz um suicida... Vi os dous cadaveres a meus pés... sorri um dia no calor da vingança... Depois... cinco annos horrorosos, debaixo desta tunica... e não tenho animo de pedir perdão a Deus! O juramento que dei de distribuir pelos judeus escravos o dinheiro daquelle desgraçado... é a recordação incessante do meu crime... é um poste onde me amarrei voluntariamente para ser castigado pelas disciplinas de ferro do remorso!... — *(Ouve-se o murmurar longinquo do* DE PROFUNDIS, *entoado lá muito no interior do edificio)* Eu não posso hir alli misturar a minha voz nas preces d'alguns justos!... Temo que os tormentos da almn me subam á face... Eu sei que morro amaldiçoado de Deus... mas diante dos homens hei-de esconder o meu crime...

SCENA III.

O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS é uma transfiguração do que fôra cinco annos antes. As barbas longas e quasi brancas cobrem-lhe a maior parte das faces magras, e lividas. O seu olhar é sombrio e torvo. Demente, deixa-se cahir na abstração de fundas cogitações. Traja um velho gibão e chapeu aragonez: — está completamente desarmado.

Digitized by Google

O MARQUEZ DE TORRES-NOVAS E FR. GUTERRES.

MARQUEZ (*sem attentar no frade.*)

Foi á luz baça de uma lampada... Era um clarão sinistro!... que o mais... era a negrura das azas da morte, que esvoaçava naquelle salão!...

FREI GUTERRES.

Que diz este homem!?...

MARQUEZ (*reparando.*)

Frade! tu amaldiçoaste o filho do crime! Negaste-lhe a tua benção, e o homem de remorsos arrasta-se por ahi, a escorrer sangue, a rasgar-se nas carnes... Frade! perdoa-lhe!...

FREI GUTERRES.

Que dizeis, irmão?! onde está o criminoso que invoca o perdão de Jesus Christo?

MARQUEZ.

Foi á luz baça de uma lampada!... A innocente morreu... o punhal tem sangue immaculado... este sangue brada justiça ao ceo... Frade!... houve um assassinio tremendo!...

FREI GUTERRES (*meia voz.*)

Jesus! eu tremo de ouvil-o!...

MARQUEZ.

Foi á luz baça de uma lampada!... O mata-

Digitized by Google

dor vergou aquella mulher para o chão... rasgou-lhe o seio... matou-a... ella deu um grito estriduroso... Escuta!... não ouves este grito?... é a innocente a morrer... ah!

FREI GUTERRES.

Eu estou sendo atormentado!... Este homem é o enviado de Deus... Perdoai-me, Senhor!...

MARQUEZ.

Não ouviste o dobre a finados?... Quem foi a des-horas dar o annuncio da morte á torre do templo?... Fui eu... Frade... fui eu que toquei aquelle hymno maldito!... E ella ainda vivia... ella... Guiomar... a prostituta!...

FREI GUTERRES.

Ah!... que ouvi!... Guiomar — dizeis vós —... vós conheceis Guiomar?

MARQUEZ (*soltando um riso louco e descomposto, e, depois, absorvendo-se no terror de um grande crime.*)

Essa mulher é casada duas vezes! Quem morreu... não foi ella... Eu matei uma virgem a ferro frio!...

FREI GUTERRES.

Que mysterios, meu Deus!...

MARQUEZ.

Viu-se depois um espectro de vestes brancas por um salão d'armas negro e pavoroso... Era Maria de Noronha...

Digitized by Google

FREI GUTERRES.

Ah! (*leva as mãos aos cabellos hirtos, e pasma n'uma horrorosa convulsão.*)

MARQUEZ.

Tu choras pela innocente?! Coitadinha!... fui eu que a matei!...

FREI GUTERRES.

Homem!... quem és tu?...

MARQUEZ.

Foi... ha muitos annos... á luz baça de uma lampada!... Matei uma innocente!... (*Ajoelha*) perdão, homem de Deus!... matei a esposa d'um cavalleiro... A adultera está viva!...

FRRI GUTERRES.

Calai-vos!... calai-vos!...

(*O marquez conserva-se de joelhos com a face entre as mãos.*)

SCENA IV.

OS MESMOS E AFFONSECA,

AFFONSECA.

Encontrei-o!... Graças, meu Deus! (*vai abraçar o marquez*) Senhor! vinde d'ahi, que a noite está doentia (*reparando no frade.*) Dai-me a vossa benção, servo de nosso Senhor!...

FREI GUTERRES.

Deus vos abençoe, honrado ancião!... Olhai,

Digitized by Google

vinde aqui ouvir-me duas palavras — (*chama-o separando-o do marquez*) Quem é este homem? (*Affonseca fita os olhos no chão, e cruza os braços sobre o peito.*)

MARQUEZ.

Foi á luz baça de uma lampada... "Este chão será o thalamo de Maria de Noronha... aqui está o meu sepulchro!... „ Disse-o Ismael... e Maria de Noronha... matei-a...

FREI GUTERRES.

Irmão!... em nome de Jesus Christo, dizei-me quem é este homem?!...

AFFONSECA.

Ninguem, senhor!... — é um doudo!... coitadinho!... é um doudo!...

MARQUEZ.

Frade! tu já não podeste abençoal-a!... Morreu a ferro frio... não lhe cerraste a maldição nos labios... ella amaldiçoou-me em nome do Eterno... e eu ando aqui arrastado, como a serpente esmagada na cabeça!...

FREI GUTERRES.

Oh meu Deus!... Affonseca... este homem quem é?... Por piedade, por misericordia dizei-me, o seu nome, que eu morro de anciedade!...

AFFONSECA.

Não posso, senhor!... não posso, Fr. Guterres!...

Digitized by Google

MARQUEZ (*rindo-se descomposto.*)

Abri as portas do templo, sacerdotes de Christo! Abri as portas do templo, perfumai os altares, forrai esse chão de telas de brocado, entoai vossos hymnos, menestreis de D. João 3.º! — repicai nesses campanarios um dobrar festival! — Arautos! reis d'armas! passavantes! afastai o povo, que ahi vão D. Guiomar Coutinho e o infante D. Fernando a esposarem-se na presença de Deus! (*Descahe do transporte na friesa do rancor intimo*) Frade! tu sanctificaste um crime horroroso... tu abençoaste o casamento dessa adultera... e a adultera era minha mulher!...

AFFONSECA.

Oh meu Deus!

FREI GUTERRES.

Jesus! que é elle!... (*correndo para abraçalo*) D. João d'Alemcastre!...

AFFONSECA (*impedindo-o.*)

Não augmenteis a sua penosa situação... Vereis as lagrimas correrem-lhe nas faces descarnadas!... Deixai-o, por piedade, que tereis de chorar muito com elle... Está doudo, Fr. Guterres, está doudo o infeliz João d'Alemcastre!... Deixai-m'o levar daqui... Preciso afastalo do sahimento!,.. Oh! Deus nos livre!... Deus nos livre que ella o conhecesse!...

FREI GUTERRES.

Não posso!... deixa-me ouvil-o um momento só!... Este homem vive, meu Deus!... vive D. João d'Alemcastre, reduzido a tamanha miseria!...

Digitized by Google

MARQUEZ.

A adultera tripudiou sobre o cadaver da innocente!... Maria de Noronha foi amar os anjos celestes... elles espozaram-na, e os demonios do inferno travaram da minha alma, despedaçaram-me o corpo, escreveram-me o meu crime na face!... Foi á luz baça de uma lampada!... Oh meu Deus! meu Deus!...

(Ouve-se o dobre a finados; o marquez cahe sobre os joelhos, esconde a face, e permanece nessa postura.)

AFFONSECA.

Fr. Guterres! — eu quero que este homem viva; pode ainda recuperar o juizo; não o assalteis com recordações, que o matam! Eu vos digo, em pouco tempo, a ultima desgraça do marquez de Torres-Novas. Elle era casado, á face de Deus, com D. Guiomar Coutinho... Ella degradou-o, deshonrou-o, offereceu ouro a quem o matasse, e julgou-o bem morto, e o seu cadaver no fundo do Tejo! D. João d'Alemcastre vivia para a vingança do desesperado! Tentou matal-a no ultimo festim das suas bodas. Estava no salão d'armas de D. Guiomar...

FREI GUTERRES (*afflictivamente.*)

Desgraça!...

AFFONSECA.

Tinha para lá fugido á perseguição dos cavalleiros e pagens. Eis que D. Maria de Noronha, não sei por que fatalidade, entra nesse salão, quasi escuro, isolado, nunca visitado por damas em noites de folguedos « *Fernando!* » bradava ella; este era Fer-

Digitized by Google

nando de Castro, o seu amante; mas o allucinado marquez pensou que era ella D. Guiomar Coutinho, que vinha alli ter alguma communicação escusa com o infante... Aproximou-se della... não a ouviu... cravou-lhe o punhal... matou-a... e fugiu... (*Fr. Guterres, como exhausto de vigor, recosta-se no hombro de Affonseca*) Que tendes, Fr. Guterres?

FREI GUTERRES.

Continúa... diz... e depois... não havia ahi um judeu, chamado Ismael?...

AFFONSECA.

Esse judeu foi encontrado junto do cadaver de D. Maria de Noronha, e envenenou-se, perguntando a altos brados quem fôra o assassino de D. Maria de Noronha...

FREI GUTERRES (*ajoelhando.*)

Perdoai-me, meu Deus!... Perdoai-me, meu Deus!

MARQUEZ.

Foi á luz baça de uma lampada! A innocente morreu, e o assassino vive!... (*Fr. Guterres levanta-se horrorisado*) Frade! haverá perdão na terra para o matador de Maria de Noronha?

FREI GUTERRES.

Oh! não! não! Nós não podemos implorar perdão!... Eu sou o assassino!...

Digitized by Google

AFFONSECA.

Que mysterio!... Que enredo de crimes!... que será isto, Deus do céo!...

Dobram os simnos. No cimo da escadaria vêem-se frades de S. Francisco, com tochas acesas, murmurando os psalmos costumados: vem descendo, e já se estendem pela rua supposta, que atravessa o palco, sem que ainda o esquife tenha apparecido. O marquez ajoelha machinalmente. Fr. Guterres crusa os braços — cobre-se do capuz, e busca occultar-se ao sahimento. Affonseca, affastando-se para junto do marquez, exprime a sua agonia, escondendo a face entre as mãos; depois tenta erguer o marquez, que olha espantado para as luzes, cujo clarão se lhe reflecte no rosto.

AFFONSECA.

Snr. D. João d'Alemcastre! vinde, vinde, pelas cinco chagas de Christo!

MARQUEZ.

Ahi vai morta da punhalada do assassino a innocente! (*Ergue-se furiosamente*) Maria de Noronha! Abre-me essa tumba, e leva-me ao banquete dos vermes, nos teus braços enteriçados!... Frade! (*os responsos continuam*) E' o cantico dos cherubins que ahi vai no sahimento da virgem que eu matei!...

FREI GUTERRES.

Perdão! perdão! Deus de misericordia!

Digitized by Google

Assoma, no patim da escadaria, a tumba. E' trazida ao collo de homens, e coberta de longos pannos de negro. Seguem-se mais alguns frades, como os primeiros, de tochas e capuzes enfiados. Quando a tumba atravessa o palco, o marquez, na postura de quem quer suspender o prestito, lança-se-lhe ao encontro; Affonseca, suspende-o, e desvia-o de embaraçar-se no sahimento, que vai marchando compassado — Ha um toque de campainha, e logo depois:

UMA VOZ.

Resai por alma de sua alteza — o senhor infante D. Fernando!

MARQUEZ.

Ah! (*É um grito estridoroso, seguido de uma convulsão horrivel. Affonseca segura-o, e forceja em vão por desvial-o da scena. Segue-se o mesmo toque de campainha, e a mesma voz, já fóra do palco.*)

AFFONSECA.

Meu Deus! inspirai o coração do vosso servo! Lançai os olhos de pai sobre este quadro de desolação!

MARQUEZ (*muito concentrado.*)

Resai por alma de sua alteza o senhor infante D. Fernando!... Affonseca! Affonseca!

Digitized by Google

Desce D. Guiomar Coutinho. Traja uma tunica branca de longa cauda. Cobre-lhe o cabello longo capuz de vaso. Em torno, cavalleiros, damas, e donzellas, vestidos de borel branco, e as cabeças cobertas de vaso. D. Guiomar Coutinho, vem nos braços de duas damas.

SCENA V.

AS PESSOAS DESCRIPTAS NA ULTIMA NOTA.

FREI GUTERRES, AFFONSECA E O MARQUEZ.

FREI GUTERRES.

Jesus! que desgraçado encontro!

AFFONSECA.

Praza a Deus que elle a não veja!

D. GUIOMAR (*para as damas com voz debil e de soluços.*)

Deixai-me respirar, pelo amor de Deus! Não posso... não posso... Desviai-me do sahimento... um bocadinho... um bocadinho de ar... que me sinto morrer... ah! perdão, sanctissima Virgem! perdão, pelas vossas sete dôres!

(As damas conduzem-na para o palco. O marquez tem sido estranho a esta chegada.)

AFFONSECA.

Senhor... senhor!... Vinde... vinde... eu vol-o imploro de joelhos!... (*ajoelha.*)

Digitized by Google

MARQUEZ.

Levanta-te, meu pai! — vai resar um responso sobre o cadaver de D. Maria de Noronha!... Resai por alma de sua alteza o senhor infante D. Fernando!... Inferno! Morro!... morro!...

(D. Guiomar solta um grito — desenlaça-se das damas — mal firme, corre o palco em todas as direcções — encontra Fr. Guterres, e cahe-lhe de joelhos aos pés.)

D. GUIOMAR.

Senhor!... protegei-me!... que eu ouvi-lhe a voz... ouvi-lh'a... era a sua voz, homem de Deus!... Protegei-me, que eu quero salvar-me!...

FREI GUTERRES (*erguendo-a.*)

Senhora!... fugi... fugi... destes lugares!... fugi, por amor de vós, que está aqui vosso primeiro marido!... está aqui D. João d'Alemcastre!...

D. GUIOMAR.

Aqui!... meu Deus!... ah!... (*cahe desmaiada — as damas erguem-a, e tomam-a no collo.*)

MARQUEZ (*aproximando-se de D. Guiomar.*)

Damas e cavalleiros! Vamos ao tumulo de Maria de Noronha deixar-lhe a corôa da virgem!... Resai por essa martyr!... que D. Guiomar Coutinho lá está no leito do adulterio a gravar uma nódoa infame no vosso sexo, damas virtuosas!...

DAMAS E CAVALLEIROS.

Santo nome de Jesus!

Digitized by Google

MARQUEZ.

Estes Paços são meus... cazei aqui depois das minhas batalhas... dependurei neste salão as minhas armas de cavalleiro de cem combates... Este é o salão d'armas... Aqui... aqui!... foi á luz baça de uma lampada!... Oh! (*é um rugido prolongado, que estoira aos ouvidos de D. Guiomar, e a desperta do lethargo.*)

D. GUIOMAR.

Fr. Guterres... acompanhai-me ao meu quarto... eu sinto-me morrer... preciso de vós... de vós... que não sois estranho... á vida da mulher mais desgraçada!... Ainda... naquella noite em que as minhas desventuras todas me foram annunciadas... quando Maria de Noronha...

MARQUEZ (*fitando-a, espantado, e fallando-lhe como em segredo.*)

Maria de Noronha... essa está morta na sala d'armas de Guiomar Coutinho!... Buscai-a de vestes brancas, borrifadas de sangue, no canto escuro do salão!... A luz baça de uma lampada verte-lhe na face o clarão da tocha sepulchral!... (*Guiomar forceja por sahir: acena ás damas que a retirem; o marquez pega-lhe do pulso com delicadeza e gesto prazenteiro*) Tu foste amiga da desgraçada que eu matei?... queres chorar por ella?... queres chorar comigo? E tu quem és?... Conheceste a adultera?... Era a minha esposa!... amada como mulher nenhuma!... O demonio travou de duas existencias... dilacerou-as!... Vistel-a nos braços do infante D. Fernando?!...

Digitized by Google

D. GUIOMAR (*reclinada mortalmente nos braços das damas.*)

Meu Deus!... a morte!... matai-me!... que eu não posso... soffrer tanto.. !.. Fr. Guterres!... Pedi a Deus pela mais desgraçada das suas creaturas!... Fr. Guterres!... Eu poderei... salvar-me?... ah!...

AFFONSECA.

Oh justiça de Deus!...

MARQUEZ (*na maior exasperação.*)

Calai-me esses hymnos do inferno, menestreis de D. Guiomar!... Sangue! sangue!... Tenho este coração rasgado fibra por fibra!... Rei de Portugal!... o mais leal dos teus leaes cavalleiros tem um escarro infamante na face!.. Rei de Portugal!... um teu irmão cavou-me o sepulchro com o teu sceptro!... Affasta-te, algoz!... que eu matei uma mulher innocentemente!... (*agarra furiosamente os cabellos; Affonseca ampara-o.*)

D. GUIOMAR.

Fr. Guterres!... acompanhai-me ao meu quarto... que eu sinto-me morrer!... depressa... depressa... Fr. Guterres!...

FRI GUTERRES (*no centro, com uma firmeza de expressão que lhe dá as apparencias d'um inspirado.*)

D. João d'Alemcastre, marquez de Torres-Novas!... conheceste D. Guterres de Paiva?...

MARQUEZ (*recordando-se.*)

D. Guterres de Paiva... Vi-o no cerco de Ma-

*

Digitized by Google

sagão... rasgar com a lança as hordas dos infieis... Oh se o vi!... era um cavalleiro namorado... namorado... Inferno!...

FREI GUTERRES.

Namorado de Maria de Noronha... recordas-te, D. João d'Alemcastre?...

MARQUEZ.

Foi á luz baça de uma lampada...

FREI GUTERRES.

Que matas-te a victima de nós ambos!... Marquez de Torres-Novas!... o teu crime é perdoado no céo!...

MARQUEZ.

Na terra o cutelo do verdugo!... A eternidade... oh!... ahi... o eterno terror do assassino!...

FREI GUTERRES.

Ahi... o perdão de Jesus Christo!... mas tu tens a perdoar na terra, D. João!

AFFONSECA (*ajoelhando.*)

Sim, sim, senhor D. João!... Tendes a perdoar na terra, para que Deus perdoe no céo á mais criminosa, e á mais desgraçada das mulheres!...

(*O marquez encara-os ambos alternativamente, e parece ouvil-os com attenção.*)

FREI GUTERRES.

D. João d'Alemcastre! Tua mulher... D. Guiomar Coutinho... debate-se nas agonias da morte!...

Digitized by Google

Ergue as mãos... supplica um perdão neste mundo, e não acha quem lhe perdoe!... As portas do inferno abrem-se-lhe aos pés do seu leito de paroxismos, e não ha quem a salve!... Salvai-a, D. João!... salvai-a, cavalleiro da Cruz!...

(O marquez, estende os braços a D. Guiomar, para levantal-a. As damas ajudam-na, e recebem-lhe no colo a face que ella busca esconder de seu marido. Este toma entre as mãos a face amortecida de Guiomar. Encara-a, tremendo, e como horrorisado das remeniscencias que lhe acodem: erra com a vista pelos circumstantes, chama Affonseca que o abraça; nos braços deste aponta, aterrado, para a mulher.)

AFFONSECA.

E' a infeliz Guiomar Coutinho... é ella, snr. D. João d'Alemcastre, que vos pede perdão com lagrimas de sangue!...

D. GUIOMAR (*quasi desfallecida.*)

Perdão... misericordia... marquez... senhor... por piedade... por piedade.....

FREI GUTERRES.

Ouvide-a... D. João!... Ouvide-a!...

AS DAMAS (*de joelhos com D. Guiomar.*)

Perdoai-lhe, snr. marquez!...

FREI GUTERRES.

Ouvide-a... que a desgraçada expira-lhe nos braços!...

(O marquez curva-se para reparar nas feições

Digitized by Google

de sua mulher. Recua espavorido. Solta um grito de terror — brada tres vezes — maldição! *Arrebatado, quer fugir. Affonseca, Fr. Guterres e os demais embaraçam-o.)*

D. GUIOMAR (*expirando.*)

Meu Deus!... meu pai!... pelas vossas... chagas... Virgem santissima!... pelas vossas... dôres... perdoai-me... perdoai-me... Jesus!...

FREI GUTERRES.

Em nome de Jesus Christo, Redemptor, e Salvador dos homens! Em nome do cruxificado, que expirou na cruz das affrontas, pedindo a seu Pai, por seus matadores!... Em nome da corôa de martyrio, que tão fundo te rasgou de espinhos o coração... oh martyr do amor!... Eu te mando perdoar a esta mulher que se arrasta a teus pés a pedir um perdão!... (*Traz D. Guiomar, que cahe de joelhos aos pés do marquez*) Christão! Perdoa a D. Guiomar Coutinho, que vai sahir deste mundo, e achará as portas do céo fechadas para sempre, se a não roubas ao dominio das trevas!...

MARQUEZ.

Levai-me á cabeceira da maldita de Deus e dos homens... eu lhe perdoarei...

FREI GUTERRES E AFFONSECA.

Graças, meu Deus!...

(*Aproximam-se de D. Guiomar Coutinho.*)

FREI GUTERRES.

Irmã!... D. Guiomar Coutinho!.. abri o co-

Digitized by Google

ração para receber o perdão de vosso marido!... Levantai os olhos para o martyr que vos perdoa!...

(D. Guiomar é immovel: está morta. Fr. Guterres apalpa-lhe o coração, que já não pulsa.)

AS DAMAS.

Está morta!!...

FREI GUTERRES.

É tarde!... O vosso perdão, marquez, não valeu á desgraçada!... Oremos todos por ella... que Jesus Christo lhe perdoe...

(Ajoelham todos.)

SCENA ULTIMA.

OS MESMOS *e um* ENCAPOTADO.

ENCAPOTADO.

Senhores! (*Encaram-o todos*) Eu sou D. Fernando de Castro! (*desembuça-se — o marquez, e Fr. Guterres levantam-se horrorisados*) Não vos horrorisceis!... Eu venho pedir-vos um *padre-nosso* por alma de D. Maria de Noronha!

MARQUEZ.

Ah! (*desfallece nos braços d'Affonseca.*)

FIM DO DRAMA.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

869.3 C348m
3 5556 008 305 112

869.3
C348m

853978

Digitized by Google